

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE LETRAS E ARTES - ESCOLA DE BELAS ARTES  
GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS-ESCALTURA**



**Alícia Nolyq Bezerra de Melo**

**Ansiedade e Afeto no Modo de Vida Tecnológico  
e na Prática da Arte Contemporânea**

Rio de Janeiro  
2023

**Alícia Nolyq Bezerra de Melo**

**Ansiedade e Afeto no Modo de Vida Tecnológico  
e na Prática da Arte Contemporânea**

Trabalho apresentado ao curso de Artes Visuais com ênfase em Escultura da Escola de Belas Artes, Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito para obtenção do título de Graduação em Artes Visuais.

Orientadora: Prof. Dra. Ana Cecília Mattos Mac Dowell

Rio de Janeiro  
2023

## CIP - Catalogação na Publicação

N528a

Nolyq Bezerra de Melo, Alicia  
Ansiedade e Afeto no Modo de Vida Tecnológico e  
na Prática da Arte Contemporânea / Alícia Nolyq  
Bezerra de Melo. -- Rio de Janeiro, 2023.  
63 f.

Orientadora: Ana Cecília Mattos Mac Dowell .  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de  
Belas Artes, Bacharel em Artes Visuais: Escultura,  
2023.

1. arte contemporânea. 2. vida tecnológica. 3.  
angustias. 4. proposições artísticas. I. Mattos Mac  
Dowell , Ana Cecília , orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

**Curso de Bacharelado em Artes Visuais: Escultura - Departamento**

Aos 25 de outubro de 2023, para obtenção do grau de Bacharel em Artes Visuais: Escultura, curso do Departamento BAE na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, quando foi apresentado o trabalho de conclusão de curso de Alícia Nolyq Bezerra de Melo DRE: 119027060, com monografia intitulada: "Ansiedade e Afeto no Modo de Vida Tecnológico e na Prática da Arte Contemporânea", com orientação da Professora Dra. Ana Cecília Mattos Mac Dowell. O Trabalho de Conclusão de Curso-TCC uma vez submetido em apresentação oral, escrita e prática, foi avaliado pela Banca Examinadora abaixo listada e assinada, deixando estabelecido que:

**A candidata foi aprovada, com grau 10,0.**

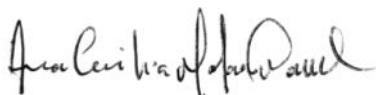
**Obs:**

A banca aponta a excelência do trabalho escrito e da pesquisa desenvolvidos, assim como a seleção dos autores aplicados à teoria. A banca destaca ainda, a clara relação do trabalho prático com o trabalho teórico, parabenizando a capacidade da estudante em elaborar sua prática artística.

A banca aprova o trabalho de conclusão de curso com nota 10,0.

A banca ainda indica a continuidade da pesquisa com potencial para investigação em pós-graduação.

Banca Examinadora:



**Professora Dra. Ana Cecília MacDowell (UFRJ)**



**Professora Dra. Paula Scamparini (UFRJ)**



**Professora Dra. Maria Elisa Magalhães (UFRJ)**

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Eterno por me conceder toda inteligência e capacidade;

Aos meus pais por todo o incentivo e amor;

À Cila por tanto empenho nesta pesquisa;

À Alice por dividir a jornada acadêmica comigo;

À Jonathan por acreditar em mim e sempre me ajudar;

E à Escola de Belas Artes, responsável por me trazer conhecimento, professores excepcionais, amigos incríveis, e o mais importante: trazer arte à minha vida.

Muito obrigada!

“Tudo o que é percebido e tem caráter sensível é algo que nos atinge”.

- Walter Benjamin

## **RESUMO**

Esta pesquisa em arte contemporânea trata das manifestações de afetos e angústias que estão, aparentemente, atrelados ao impacto das inovações tecnológicas presentes no cotidiano, buscando compreender como a arte promove metodologias para lidar com as percepções do mundo atual. A partir das reflexões teóricas de Walter Benjamin, Jonathan Crary e Hito Steyerl sobre a hiperconectividade e a produtividade como geradores de ansiedades na sociedade, bem como, a partir de referências em metodologias participativas analisadas nos trabalhos de artistas como Lygia Clark, Hélio Oiticica, Yoko Ono, Hito Steyerl, Anna Costa e Silva e Sofia Caesar, abordar as questões da subjetividade e os complexos aspectos dos afetos e angústias na sociedade atual. Para isso se faz necessário observar os aspectos que modificam até mesmo a produção e percepção da arte. Como metodologia prática da pesquisa, foi realizada uma exposição individual intitulada "Sobrevida", na qual destacam-se a produção de trabalhos em instalação, escultura, ilustração e vídeo-arte, que exploram as preocupações e questionamentos relacionados à afetos e angústias na era tecnológica, promovendo a reflexão e o diálogo com o público através da arte.

**Palavras-chave:** arte contemporânea, vida tecnológica, angústias, afecto, produtividade, proposições artísticas.

## **ABSTRACT**

This research in contemporary art deals with the manifestations of affections and anxieties that are, apparently, linked to the impact of technological innovations present in everyday life, seeking to understand how art promotes methodologies to deal with the perceptions of the current world. Based on the theoretical reflections of Walter Benjamin, Jonathan Crary and Hito Steyerl on hyperconnectivity and productivity as generators of anxieties in society, as well as, based on references in participatory methodologies analyzed in the works of artists such as Lygia Clark, Hélio Oiticica, Yoko Ono, Hito Steyerl, Anna Costa e Silva and Sofia Caesar, address the issues of subjectivity and the complex aspects of affections and anxieties in today's society, for that it is necessary to observe the aspects that modify even the production and perception of art. As a practical research methodology, an individual exhibition entitled "Sobrevida"("Survival") was held, highlighting the production of works in installation, sculpture, illustration and video art, which explore concerns and questions related to affections and anxieties in the technological era, promoting reflection and dialogue with the public through art.

**Keywords:** contemporary art, technological life, anguish, affection, productivity, artistic propositions.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 – ONO, Yoko. "Wish Tree", 2012.....	28
Figura 2 – STEYERL, Hito. "Hell Yeah We Fuck Die", 2016.....	30
Figura 3 – SILVA, Anna. "Para Alguém que Está me Ouvindo", 2020.....	31
Figura 4 – SILVA, Anna. "Éter   Ether", Exposição, 2015-2018.....	34
Figura 5 – SILVA, Anna. "Éter   Ether", Chamada, 2015-2018.....	35
Figura 6 – SILVA, Anna. "Ofereço Companhia", 2016-2017.....	36
Figura 7 – SILVA, Anna. "Ofereço Companhia", anúncio no jornal, 2016-2017.....	37
Figura 8 – CAESAR, Sofia. "Superaquecidas", Instalação artística, 2022.....	38
Figura 9 – CAESAR, Sofia. "Superaquecidas", Videoarte, 2022.....	39
Figura 10 – CAESAR, Sofia. "Baile das Obsoletas", 2022.....	40
Figura 11 – Imagem de Divulgação, Exposição "Sobrevida" .....	42
Figura 12 – NOLYQ, Alícia. "Pequenas Alegrias de Dois Mil e Vinte", 2022.....	44
Figura 13 – NOLYQ, Alícia. "Pequenas Alegrias de Dois Mil e Vinte"- Detalhe, 2022.....	45
Figura 14 – NOLYQ, Alícia. "Telefone sem Fio", 2022.....	47
Figura 15 – NOLYQ, Alícia. "Telefone sem Fio" - Detalhe, 2022.....	48
Figura 16 – NOLYQ, Alícia. "Companhia", 2022.....	50
Figura 17 – NOLYQ, Alícia. "Companhia"- Detalhe, 2022.....	51
Figura 18 – NOLYQ, Alícia. "Tempo de Uso", 2022.....	53
Figura 19 – NOLYQ, Alícia. "Tempo de Uso"- Detalhe, 2022.....	54
Figura 20 – NOLYQ, Alícia. "Escreva Aqui suas Preocupações", 2022.....	56
Figura 21 – NOLYQ, Alícia. "Escreva Aqui suas Preocupações", Detalhe, 2022.....	57
Figura 22 – NOLYQ, Alícia. "Produtividade", Video-arte, 2022. ....	58
Figura 23 – NOLYQ, Alícia. "Produtividade", Video-Instalação, 2022.....	59
Figura 24 – NOLYQ, Alícia. "Produtividade", Video-arte - Frame, 2022.....	59

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	11
<b>1 - Inovações Tecnológicas e transformações do cotidiano.....</b>	13
<b>1.1 - O consumo de arte na era da reproducibilidade técnica.....</b>	14
<b>1.2 - A internet como vetor de transformação .....</b>	15
<b>1.3 - Produtividade, 24/7 e hiperconectividade .....</b>	16
<b>1.4 - A vida cotidiana frente aos excessos do meio digital e a relação com ansiedade.....</b>	19
<b>1.5 - Transformações na percepção de mundo, na recepção e produção de arte.....</b>	21
<b>2 - Proposições participativas da arte.....</b>	24
<b>2.1 - Afetos e angústias.....</b>	24
<b>2.2 - Lygia Clark, Hélio Oiticica e Yoko Ono.....</b>	26
<b>2.3 - Hito Steyerl.....</b>	29
<b>2.4 - Ana Costa e Silva.....</b>	31
<b>2.5 - Sofia Caesar.....</b>	37
<b>3 - Metodologia prática da pesquisa em arte: Exposição “Sobrevida” .....</b>	42
<b>3.1 - Pequenas Alegrias de Dois Mil e Vinte.....</b>	43
<b>3.2 - Telefone Sem Fio.....</b>	46
<b>3.3 - Companhia.....</b>	50
<b>3.4 - Tempo de Uso.....</b>	52
<b>3.5 - Escreva Aqui Suas Preocupações.....</b>	55
<b>3.6 - Produtividade.....</b>	57
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	60
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....</b>	62

## INTRODUÇÃO

Esta monografia apresenta a pesquisa de arte realizada para conclusão de curso de graduação bacharelado em Artes Visuais, com ênfase em Escultura na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A observação dos modos pelos quais a tecnologia inquieta a vida atual mobiliza a pergunta desta pesquisa, que, através da prática em arte contemporânea, investiga como a tecnologia afeta, gera ou manifesta ansiedade nas pessoas. Com essa preocupação, o estudo se volta a observar manifestações artísticas contemporâneas que tratam deste problema.

No primeiro plano, serão elencados conceitos fundamentais para este projeto, a respeito do impacto das inovações tecnológicas na sociedade contemporânea, tratados a partir da reflexão dos textos dos autores Walter Benjamin, Jonathan Crary e Hito Steyerl. Levantando questões sobre estas mudanças e uma possível crescente ansiedade devido à hiperconectividade e à busca constante por produtividade, atravessando, assim, a forma como a arte é percebida.

Na segunda parte, investiga-se como se dá a abordagem na arte contemporânea desses conceitos, que serão analisados em aspectos da produção prática de alguns artistas, como Lygia Clark, Hélio Oiticica, Hito Steyerl, Anna Costa e Silva, e Sofia Caesar. Este estudo revela como suas criações artísticas, que em sua maioria incorporam elementos interativos e provocativos, capturam de maneira singular a intersecção entre arte, tecnologia e os complexos aspectos dos afetos na sociedade contemporânea, abordando temas que vão desde a intimidade até as dinâmicas sociais e culturais que definem a era digital atual.

No terceiro capítulo, será apresentada a metodologia prática desta análise no curso de Artes Visuais - Escultura, com ênfase nos trabalhos realizados e apresentados em exposição individual intitulada “Sobrevida”, como parte do processo de conclusão de curso.

Ao tratar de experiências artísticas que se colocam como micropolíticas, ou seja, ações que provocam as pessoas para que reflitam sobre suas próprias emoções, o trabalho de arte contemporânea se coloca entre esta artista-pesquisadora e o

público, como um elo, para promover a atenção em busca de transformações subjetivas, essas que talvez sejam impossíveis de se demonstrarem a não ser por meio do diálogo da arte. Assim, esta pesquisa te o objetivo de entender como a arte pode contribuir para a reflexão e crítica dos modos de existência atuais.

## 1 Inovações tecnológicas e transformações do cotidiano

A contemporaneidade é marcada pela constante evolução dos meios de produção capitalista e, consequentemente, pelo desenvolvimento massivo de tecnologias, sempre em atualização; tais características vêm trazendo profundas transformações no cotidiano da sociedade ao longo do tempo. Essas mudanças apresentam seus reflexos mais nítidos em aspectos compatíveis às relações humanas, na interação com o trabalho, nas formas de produção, reprodução e recepção da arte. Esses aspectos são observados em diversas instâncias dessa pesquisa. A análise feita aqui deixa de buscar definições concretas e simplistas para assumir caráter paradoxal quando facilidades e inovações tecnológicas são contracenadas, além disso, a transpor desafios para a sociedade.

Walter Benjamin (1892 - 1940) refletiu sobre as transformações a que se refere a produção, reprodução e recepção da arte a partir do advento tecnológico em "A obra de arte na era da sua reproducibilidade técnica" de 1935. Jonathan Crary (1951), professor das disciplinas de Arte Moderna e Teoria da Arte na Universidade Columbia, em Nova York, em seu texto intitulado "24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono" e, Hito Steyerl, nascida em 1966, artista, escritora e cineasta alemã, em seu texto intitulado "Um excesso de mundo: a internet está morta?" tratam da relação entre a hiperconectividade e o trabalho em um ambiente impulsionado pelo produtivismo desenfreado como um ambiente que estaria gerando uma sociedade profundamente angustiada e ansiosa. Estes autores e obras servem de base para que, a partir das problemáticas argumentadas por eles, a pesquisa apresente questionamentos relevantes sobre como a tecnologia parece impactar a vida cotidiana das pessoas, em afetos positivos e negativos, em angústias que paralisam e angústias que geram movimentos de transformação. E, também, para compreender como a arte contemporânea responde a essas transformações sociais, se posicionando como campo de experimentação para promover reflexões, críticas e relações com o espectador, ou o participante na fruição da arte para, posteriormente, trazer a análise da prática artística experimentada sob essas investigações.

## 1.1 O consumo de arte na era da reproducibilidade técnica

No que diz respeito à arte, cultura e tecnologia, em 1935, Walter Benjamin publica "A obra de arte na era de sua reproducibilidade técnica". Em seu texto, Benjamin reflete a questão da possibilidade da reprodução em massa de obras de arte, e como essa situação redefiniu a relação de produção com o consumo artístico. Hoje, em uma era hiperconectada, as ideias de Benjamin continuam a ecoar e ganham uma nova perspectiva e relevância.

Nesta pesquisa, destaca-se como as ideias de Benjamin acerca da reproducibilidade técnica se relacionam com a influência da tecnologia na vida cotidiana e as expressões artísticas contemporâneas. A tecnologia tem tomado um espaço cada vez maior na vida comum, proporcionando conectividade à distância, capacidade de reprodução de imagens e compartilhamento de conteúdo instantâneo. Mas o excesso de informações causado pela possibilidade de reprodução em massa aparenta causar ansiedade em alguns indivíduos. É nesse contexto que a arte contemporânea se destaca como um campo de experimentação diverso, em que artistas não apenas produzem arte a partir das relações entre tecnologia e vida cotidiana, assim como atuam como provocadores de reflexão e crítica, ao tratar da relação entre arte, obra e receptor.

A partir deste contexto, é essencial discorrer sobre como o acesso à tecnologia influencia na produção de arte. Se por um lado, a tecnologia democratizou o acesso à criação de arte permitindo a disseminação e sua reprodução instantânea, por outro lado, questiona-se como essa mesma tecnologia pode desvalorizar a singularidade e originalidade das obras de arte, processo chamado por Benjamin de "perda da aura".

Para Benjamin "[...] aquilo que se atrofia na era da reproducibilidade técnica da obra de arte é a sua aura" (Benjamin, 1935, p. 53), ou seja, a apreensão da obra parece estar comprometida ou modificada. O surgimento da fotografia no século XIX como um grande avanço tecnológico no âmbito artístico, seria para Benjamin o que comprova este fenômeno, porque trouxe consigo a capacidade de captação de uma cena de forma instantânea, sem submeter às mestrias manuais de um artista para registro que, outrora, era motivo de vangloria e que deixou de ser atrativo comparado à possibilidade de reprodução fotográfica em escala quase que incontável. Nessa

abordagem, a técnica, individualidade e autenticidade empregada por cada artista em uma pintura, por exemplo, perderia valor e significado em função da velocidade e precisão que se tem para produção de uma fotografia.

No que diz respeito à “aura”, entende-se como um respiro profundo e calmo para dentro de determinada obra, em que apreciar de perto, refletir as suas nuances, e a sua singularidade seria uma possível essência. Mas, a partir do momento em que a arte passa a ser reproduzível em uma escala massiva, ela perderia a sua aura que só o “aqui e agora” é capaz de evidenciar, se tornando mais uma cópia em uma série existencial. Em uma notável passagem o autor diz que: “E, na medida em que ela permite à reprodução ir ao encontro do espectador em sua situação particular, atualiza o reproduzido.” (Benjamin, 1935, p. 53)

As possibilidades de reprodução de arte em massa estão ainda mais presentes na sociedade dos tempos atuais, e isso se dá por conta dos avanços tecnológicos resultantes da busca constante pela evolução dos meios de produção capitalista. Muito provavelmente, o principal destes avanços seja o surgimento da internet, que trouxe consigo infináveis possibilidades e transformações. O consumo de imagens reproduzidas tecnicamente parecem trazer consequências para nosso viver que merecem ser tratados no âmbito da arte contemporânea.

## 1. 2 - A internet como vetor de transformação

A internet surgiu em 1969, criada pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos (ARPA - Advanced Research Projects Agency), em meio aos esforços frente às incertezas da época causadas pela Guerra Fria. A ferramenta possibilitou o compartilhamento de informações entre pessoas distantes geograficamente, inicialmente com propósito de facilitar estratégias de guerra. Já na década de 90, o cientista, físico e professor britânico Tim Berners-Lee, é considerado um dos responsáveis pelo desenvolvimento da World Wide Web (www) - a Rede Mundial de Computadores, criação que apresentou ao mundo o modo como utiliza-se a internet até os dias atuais.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Conheça a história da internet, sua finalidade e qual o cenário atual:  
Disponível em:<<https://rockcontent.com/br/blog/historia-da-internet/>> Acesso em: 17 de outubro de 2023.

Até então, o acesso e uso da ferramenta era restrito a um público de cientistas, engenheiros e funcionários do governo, mas a internet não demorou em transcender esses limites e passar a fazer parte de todos os âmbitos da sociedade, deixando de ser um simples espaço para troca de mensagens e armazenamento de informações para se tornar o principal vetor da chamada Indústria 4.0, também conhecida como “Quarta Revolução Industrial”, um conceito que engloba um amplo sistema de tecnologias avançadas como inteligência artificial, robótica, internet das coisas e computação em nuvem, que vem transformando, não somente os meios de produção e modelos de negócios, como também o cotidiano, cultura e a forma como se produz e consome arte nos dias atuais.

As transformações geradas pela absorção da tecnologia no cotidiano contemporâneo são observadas em diversas instâncias, e alcançam a relação entre o trabalho e a humanidade, a relação social humana, formas de produção e recepção de arte, cultura e, até mesmo questões relacionadas à saúde foram tocadas pelo advento tecnológico.

### **1. 3 - Produtividade, 24/7 e hiperconectividade**

Ao refletir a respeito da evolução dos meios de produção capitalista, Benjamin, em seu texto "A obra de arte na era de sua reproduzibilidade técnica", utiliza a abordagem de Marx para concluir ser plausível acreditar que o fenômeno culminaria não somente na exploração crescente do proletariado, mas também na criação de condições que levariam ao seu próprio encolhimento.

Em 2013, 78 anos após a publicação do texto mencionado, Jonathan Crary publica sua obra "24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono" e, a partir das reflexões trazidas a respeito do impacto da internet na relação humana com o trabalho, pode-se dizer que o prognóstico apresentado por Marx e Benjamin são, agora, diagnóstico. As tecnologias, em especial a internet, têm determinado condições de exploração do proletariado. A vida hiperconectada tem condicionado a humanidade a um constante estado de produtividade impulsionado pela incessante busca por resultados e evolução dos meios de produção e, toda e qualquer fragilidade natural humana, tem se tornado um obstáculo a ser superado. Tal fragilidade importa ser notada, e está

presente na manifestação artística contemporânea que tende a expor a humanidade em contraste com a aparente tendência capitalista de suprimi-la em favor do produtivismo.

Jacques Wainer em "O Paradoxo da Produtividade", ao justificar a preocupação com a produtividade de um país, diz: "a economia de uma nação está limitada apenas pela sua capacidade de produzir; quem produz mais tem uma economia maior".<sup>2</sup> A ideia apresentada por Jacques aborda o macro, trata da preocupação de um sistema econômico complexo e justifica a busca pela constante evolução dos meios de produção capitalista citada por Walter Benjamin.

A aplicação desse conceito a um indivíduo em seu cotidiano comum pode ser plausível, transcrevendo-o como: O sucesso/valor agregado de um indivíduo está limitado somente à sua capacidade de produzir. Sendo assim, tudo aquilo que, de alguma forma, impede/limita a produção de um indivíduo, assume o aspecto de obstáculo e, tal qual, a indústria não mede esforços na redução de custos e ruídos para otimizar sua linha de produção, o indivíduo contemporâneo tem priorizado o trabalho em demérito de qualquer aspecto de sua vida, seja social, pessoal ou até e, principalmente, no que diz respeito à saúde; fatores primordiais que, agora, vêm se tornando secundários na vida da sociedade contemporânea.

É neste cenário que surge a expressão "24/7". A princípio, tal expressão definia que um determinado serviço oferecido por supermercado, lojas, caixas eletrônicos, postos de gasolina, restaurantes, entre outros, estaria disponível 24 horas por dia e 7 dias por semana. Hoje, o conceito se estende para funcionários que se mantêm disponíveis ao trabalho a todo momento, independentemente de horário ou data e, também, para pessoas que, em favor de seus objetivos pessoais (em sua maioria profissionais) buscam se manter produtivas a todo instante. O conceito é uma resposta prática ao que fora exposto anteriormente a respeito da eficiência e da produtividade, com a noção incorporada de que todo e qualquer obstáculo deve ser superado a fim de que o tempo seja aproveitado para algo que agregue valor ao indivíduo, estabelecendo que sejam descartáveis as atividades que não contribuem

---

<sup>2</sup> O Paradoxo da Produtividade:

Disponível em:<<https://www.ic.unicamp.br/~wainer/old/papers/final-paradoxo.pdf>> Acesso em: 17 de outubro de 2023.

diretamente para a cadeia produtiva. Dentro deste contexto, a internet se apresenta como a ferramenta que promete transpor obstáculos através da hiperconectividade e da possibilidade de compartilhamento de informações de forma rápida e instantânea, por meio dos quais o trabalho se tornou acessível em dispositivos que estão a todo tempo ao alcance das mãos. E esse é o objeto de estudo de Jonathan Crary em seu livro, encontrado em suas palavras:

24/7 é um tempo de indiferença, contra o qual a fragilidade da vida humana é cada vez mais inadequada, e dentro do qual o sono não é necessário nem inevitável. Em relação ao trabalho, torna plausível, até normal, a ideia de trabalhar sem pausa, sem limites. (Crary, 2011, p. 13)

No que diz respeito ao tempo como principal matéria prima necessária para a produção de um indivíduo, dormir 8 horas diárias não aparenta ser lucrativo. Aqui, a partir de uma reflexão radical, pode-se dizer que o sono é tratado como um desperdício. Na obra, Crary evidencia como a sociedade atual está condicionada a responder com eficiência a qualquer hora do dia ou da noite em função da vida hiperconectada, o que promove uma degeneração da qualidade do sono e, com isso, a profusão de questões psicológicas agravadas, que devem ser observadas como um sintoma na sociedade atual. A realidade apresentada, não é a de que, necessariamente, um indivíduo esteja trabalhando 24 horas por dia, mas de que ele se encontre disponível para tal durante todo esse período, e isso basta para que existam consequências.

Uma figura de linguagem recorrente e aparentemente inócuas é o “*sleep mode*”, inspirada nas máquinas. A ideia de um aparelho em modo de consumo reduzido e de prontidão transforma o sentido mais amplo do sono em uma mera condição adiada ou diminuída de operacionalidade e acesso. Ela supera a lógica do desligado / ligado, de maneira que nada está fundamentalmente “desligado” e não há nunca um estado real de repouso. (Crary, 2011, p. 15)

Ao abordar a ideia de que a sociedade contemporânea está cada vez mais condicionada a estar disponível e produtiva em qualquer momento do dia ou da noite, Crary nos leva a refletir sobre a aparente inofensibilidade dos aparelhos eletrônicos quando não estão sendo literalmente usados. A ideia de prontidão dos aparelhos faz com que o sentido mais amplo do modo de sono seja transformado em algo adiado ou diminuído em termos de funcionamento e acesso, evidenciando a transformação do sono de estado de descanso completo, para apenas uma condição de menos

atividade, mas ainda de disponibilidade, o que também vai além da simples distinção entre estarem "desligados" ou "ligados". Assim, Crary mostra que não existe um estado de repouso completo como costumava-se ter antes da era da tecnologia. Essa condição de disponibilidade tem afetado a forma como o indivíduo descansa e como recupera suas energias, segundo Crary isso ocasiona a perda da qualidade do sono. A demanda incessante por produtividade reflete diretamente na fragilidade da vida humana frente ao avanço do capitalismo tardio associado à ideia de trabalhar sem pausa e limites.

#### **1.4- A vida cotidiana frente aos excessos do meio digital e a relação com a ansiedade**

A problemática do sono e da hiperconectividade também é abordada pela artista e pesquisadora Hito Steyerl, em seu texto "Um excesso de mundo: a internet está morta?". Steyerl discute a suposta morte da internet e como essa noção de "morte" pode ser entendida através da transformação das condições de repouso e inatividade, seja no contexto do sono ou do funcionamento da internet. Este modo de funcionamento aparenta ter transformado a rede telemática cada vez mais regulamentada e controlada, onde o excesso de informação e vigilância tende a diminuir a liberdade e a participação dos usuários. A crítica à constante disponibilidade e a valorização do trabalho ininterrupto considera a importância das pausas, do repouso e da desconexão como elementos essenciais para a saúde e o bem-estar em um mundo hiperconectado.

A internet e suas redes sociais estão crescendo exponencialmente, criando outras formas de comunicação, moldando a vida de seus usuários e seus usuários sendo moldados por essa experiência, aumentando a capacidade e a velocidade em que se capta e processa informações. Diante dessa reprodução, as massas aceitam o que está se tornando normal através da comunicação circulante, que se move de forma acelerada. A tecnologia disponível hoje na palma das mãos permite a reprodução praticamente instantânea de imagens, textos e sons e, com a disseminação das redes sociais, o compartilhamento de conteúdo *online* tornou-se comum e presente na vida dos usuários digitais. Imagens, textos e vídeos fazem parte de uma rede de formatos possíveis para o compartilhamento rápido de conteúdo. Mas

todo esse excesso de informações, de modo geral, trouxe consigo uma aceleração na sociedade, que pode estar produzindo ansiedade em seus indivíduos e sensação de sobrecarga perante o antagonismo entre a produtividade exigida e a frustração frente a improdutividade.

Em seu texto, a artista pesquisadora Steyerl analisa e critica a internet como um modo de vigilância na captura de dados particulares, e a produtividade intensa e ansiosa globalizada nos dias atuais frente a exigência pela constante produção.

Nós podemos até estar desplugados, mas não significa que estamos desculpados. A internet persiste *off-line* como um modo-de vida, vigilância, produção e organização - uma forma de voyeurismo intenso somada com opacidade máxima.(Steyerl, 2002, p. 222)

Os sistemas de mídias sociais estão ao alcance de todos, basta o acesso à internet para que as informações cheguem. Na prática, o processo de aceleração é o que leva o indivíduo contemporâneo a dedicar sua atenção a uma rede social durante horas de seu dia em busca de algo novo, assistir a vídeos em velocidade 2x (duplamente acelerados) e a ouvir músicas cada vez menores. Pode-se entender que a sensação de incapacidade, de atarefamento extremo e ansiedade surgem por conta do contraste entre a vida acelerada pelo meio digital e a vida cotidiana comum somado com a autocobrança ocasionada pelo produtivismo exacerbado que tem trazido resultados problemáticos e tangíveis para o mundo físico.

Enquanto o produtivismo deixou poucos rastros em uma ditadura sustentada pelo culto ao trabalho, poderia o circulacionismo mudar a condição de globos oculares, insônia e exposição pessoal em uma fábrica algorítmica? (Steyerl, 2002, p. 225)

Os alvos de crítica e análise de Steyerl fazem alusão ao meio stalinista de produtividade, aceleração e exaustão heroica. Que é exemplificado por ela ao mencionar o “Circulacionismo” como um ato de pós produzir uma imagem, lançá-la e acelerá-la para estar o mais rápido possível no mundo para que tal produção e reprodução se relacione com outras imagens, gerando imagens e consumidores vazios, unicamente ligados ao modo de consumo.

## 1. 5 - Transformações na percepção de mundo, na recepção e produção de arte

Antes da problemática aurática causada pelo advento tecnológico, as obras de arte eram apreciadas de forma contemplativa, reflexiva e prolongada pelo espectador, mas, em sequela de sua reprodução em massa, surgiram transformações na forma como se recebe arte.

Acerca das novas perspectivas, após traçar reflexões a respeito dos reflexos da fotografia no meio artístico, Benjamin trata das mudanças que chegaram com o cinema, prática artística que se diferencia da pintura e da fotografia pela sua natureza dinâmica e cinética que bombardeia o espectador com diversas imagens e estímulos a todo instante, Benjamin chamou essa característica de “efeito de choque”. Aqui, o público torna-se passivo já que não reage diante da realidade reproduzida frente a seus olhos e não empenha esforço para criar raciocínio a respeito da obra, restando-lhe apenas a mais simples aceitação.

Com isso, ele favoreceu a demanda pelo filme, cujo elemento de distração é igualmente em primeira linha tático, repousando sobre o câmbio dos cenários e dos planos, os quais penetram o espectador com um impacto. (Benjamin, 1935, p. 112)

O chamado efeito de choque, presente no cinema, é percebido nas transformações perceptivas da sociedade contemporânea. A experiência por trás dessa técnica pode ser comparada à relação dos indivíduos com os smartphones modernos, que são meio de exposição a um constante fluxo de estímulos visuais e sensoriais em rápida sucessão. Assim sendo, a percepção tática reage às mudanças dinâmicas das imagens, desafiando a contemplação linear, podendo ser associada às práticas tradicionais de se fazer arte.

É notório que a sociedade tem modificado sua percepção de mundo, e a cada dia que passa está mais ávida por estímulos visuais instantâneos e consumo rápido e genérico de informação. A internet se tornou um local hiper frequentado para esses estímulos, determinados pela profusão de imagens que disputam a atenção do espectador, gerando saturamento visual. E, é nesse cenário que pode-se dizer que a contemplação da obra de arte original e sua singularidade apresenta declínio, levando a uma apreensão instantânea e superficial das obras. Será que essa perda da

experiência aurática pode estar relacionada com a ansiedade e a sensação de produtividade constante sentida por diversas pessoas atualmente?

A transformação na percepção de mundo da sociedade, ocasionada pelo consumo rápido e genérico de informação, impacta diretamente na produção e recepção artística. Para Benjamin, o número substancialmente maior de participantes no meio artístico produziu um novo modo de participação. A quantidade de informação consumida no meio digital impulsionada pela velocidade em que é produzida, ironicamente, causa tédio e uma sensação de estagnação, e a falta do novo mantém o indivíduo conectado. Trata-se de um ciclo vicioso. E, neste cenário, para atender as demandas da massa entediada, a quantidade converteu-se em qualidade.

Benjamin distingue dois públicos a que se refere a respeito de recepção de arte: a massa e o condescendor, afirmando que as massas procuram distração na obra de arte, enquanto o condescendor a aborda com recolhimento.

Para as massas, a obra de arte seria material para entretenimento; para o apreciador de arte, ela seria objeto de devoção. Aqui faz-se necessária uma análise mais aproximada. Dispersão e concentração encontram-se em uma oposição que permite a seguinte formulação: aquele que se concentra diante da obra de arte imerge nela; ele penetra nessa obra, como narra a lenda de um pintor chinês que observava o seu quadro terminado. Por outro lado, a massa dispersa imerge por sua vez a obra de arte em si, revolve-a com sua ondulação, envolvendo-a em sua torrente. Isso ocorre de modo mais manifesto nas construções.(Benjamin, 1935, p. 87)

Pode-se dizer que a experiência de recolhimento trata-se do indivíduo que diante de uma obra de arte é provocado a despir-se em reflexão ao contemplar sua própria intimidade, já nas experiências de distração e diversão, a obra de arte mergulha no indivíduo a fim de suprir suas carências, atender sua curiosidade e demandas, responder ao seu tédio e, neste caso, a partir de uma interpretação radical, deduz-se que a obra assume caráter descartável, já que as demandas de um indivíduo são voláteis e logo são substituídas por novas, o que torna uma obra obsoleta e o faz partir em busca de algo novo.

Entender a obra de arte como objeto no qual tem como objetivo único atender as necessidades das massas pode atribuí-la aspecto mercadológico e, como objeto de mercado, passa a seguir as leis do capitalismo e produtivismo, a luz dos quais pode-se questionar: seriam os artistas, agora, parte de uma linha de produção que

opera para saciar uma sociedade eternamente entediada? Não ironicamente, as produções musicais, cinematográficas e artísticas mais relevantes dos tempos atuais são geradas por artistas gerenciados por conjuntos de empresas que são chamados de indústria da música, indústria cinematográfica, e mercado de arte, respectivamente.

Por definição, industrialização é a ação ou efeito de fazer com que algo seja submetido a um procedimento industrial, por exemplo, a industrialização do milho. Tomando este exemplo, sabe-se que se trata de um elemento natural, então germina, cresce, se desenvolve e dá fruto de acordo com as condições naturais necessárias para tal: clima, chuva, solo, e outros fatores que demandam tempo. O processo de industrialização surge para moldar as condições necessárias para cultivo com o objetivo de obter maior colheita em menor tempo e baixo custo para atender maior demanda e, para isso, utilizam-se técnicas de manipulação do solo, processos químicos e agrotóxicos, que, a grosso modo, inibem a naturalidade do cultivo. A partir do estranho paralelo traçado aqui entre uma indústria de milho e a indústria artística, outro questionamento salta: A industrialização da arte tem inibido seus processos naturais de surgimento, seus porquês de existirem, sua sinceridade, verdades ou ironias e questionamentos em favor do lucro?

## 2 - Proposições participativas da arte

Frente ao diagnóstico levantado a partir da análise dos argumentos anteriores na pesquisa, neste segundo capítulo, importa refletir o comportamento artístico contemporâneo e suas respostas às realidades atuais: sociedade ansiosa e cansada em razão das alterações na relação humana com o trabalho, massas entediadas e saturadas frente ao excesso de imagens reproduzidas, hiperconectividade em detrimento de relações afetivas reais e o declínio aurático artístico. Para tanto, é importante entender os afectos e perceptos, assunto discutido pelos autores Félix Guattari e Gilles Deleuze no livro “O que é Filosofia?” que atribui à arte o papel de gerar sensações tanto no artista, quanto nos fruidores do trabalho exposto e, a partir dessa ideia, o raciocínio dessa pesquisa se estende ao movimento artístico de proposições participativas com os artistas Lygia Clark, Hélio Oiticica e Yoko Ono como agentes criadores de afectos que, através das sensações, são capazes de revelar o invisível e desafiam a ideia tradicional de obra de arte como um objeto estático e exaltado. Passando a analisar as artistas contemporâneas, Hito Steyerl, Anna Costa e Silva, e Sofia Caesar, compreendendo como essas artistas utilizam de meios tecnológicos como canal de expressão, ao explorar temas que vão desde a intimidade até as interações sociais e culturais que caracterizam a era digital atual.

### 2.1 Afectos e angústias

No livro “O que é Filosofia?”, os autores Félix Guattari e Gilles Deleuze discorrem a importância dos conceitos perceptos e afetos para a compreensão da arte, e como estão intrinsecamente relacionados à maneira como os artistas percebem, produzem e interagem com suas obras, moldando, por conseguinte a relação com o público. A arte tem o papel fundamental de gerar sensações tanto no artista, quanto nos fruidores do trabalho apresentado. Os autores argumentam que a sensação, os perceptos e os afectos estão conectados com uma ideia de força, força essa que teria a função de “[...] tornar visíveis as forças que não são visíveis” (Deleuze 2007, p. 62). Assim o artista não representaria uma simples figura em uma pintura, mas a partir da sua ótica, da sua percepção, o artista provocaria uma força subjacente,

independente de qual seja a coisa representada, o que importaria é a relação entre os participantes da experiência artística, implicada nos perceptores.

É de toda a arte que seria preciso dizer: o artista é mostrador de afectos, inventor de afectos, criador de afectos, em relação com os perceptos ou as visões que nos dá. Não é somente em sua obra que ele os cria, ele os dá para nós e nos faz transformar-nos com ele, ele nos apanha no composto. (Deleuze; Guattari, 1992, p. 227-228)

Quanto ao afecto, este possuiria o papel de esculpir o caminho da ligação entre o artista, a obra e o espectador. O artista, como agente criador de afectos, teria o objetivo de provocar no público uma série de sensações, pequenas alegrias ou, até mesmo, direcioná-lo às questões que envolvem angústia e ansiedade.

Nessa pesquisa foi importante buscar, através da arte, estratégias sutis para abordar os afectos e perceptos em condições da vida contemporânea que envolvem a presença da tecnologia.

A partir da interpretação do texto “O outro e a violência da cultura” da psicanalista e curadora Tania Rivera, pode-se afirmar que a prática artística exerce uma função crítica da cultura, assim como a psicanálise deve exercer ainda que apresentem riscos. A autora faz menção a Freud quando ele comunica a necessidade de uma perspectiva distanciada temporalmente para melhor compreensão do presente “(...) o passado deve se tornar passado para que possa produzir pontos de observação a partir dos quais elas julguem o futuro” (Freud, 1927/1974a, p. 15). Isso traz a compreensão sobre quando a imaginação leva um indivíduo a pensar algo sobre a contemporaneidade, ou sobre aspectos de outras dimensões, que possam projetar um futuro, ou uma reflexão da contemporaneidade, mas com outro sentido de dimensão temporal e espacial, pois o trabalho em si teria o potencial de simular situações, ou provocar proposições sobre diferentes temporalidades.

Rivera aponta a violência na cultura e argumenta que a crueldade é uma parte fundamental nas relações humanas. Enquanto podemos perceber a angústia como parte de uma camada específica do cotidiano que se caracteriza como uma forma de violência mais sutil. A arte pode provocar e perturbar os indivíduos colocando seus perceptos à prova, por exemplo, a partir de uma imagem violenta que confronta um espectador diante de sua própria natureza íntima e vulnerável, que muitas vezes, opta

por ignorar; essa experiência é descrita pela autora como: "tocar nosso corpo ali onde ele não é imagem capaz de ancorar o eu, mas carne capaz de apodrecer" (Rivera, 2008, p. 76).

Nesta pesquisa a arte se evidencia como um campo de enfrentamento de risco através das proposições artísticas propondo exercícios de reflexão a respeito do modo de vida tecnológico e tocam, através de afectos e perceptos, as angústias e afeições do fruidor do trabalho exposto.

## 2.2 Lygia Clark, Hélio Oiticica e Yoko Ono

As proposições participativas na arte são um movimento que possibilita que se ultrapasse a mera contemplação estética estática de um trabalho, através do qual o público passa de um espectador passivo, para um participante ativo que pode transformar, criar e interagir diretamente com a obra de arte. A pesquisa e prática de artistas como Lygia Clark (1920-1988) e Hélio Oiticica (1937-1980) trabalharam as possibilidades de repensar a relação entre a obra de arte, o artista e o espectador.

Lygia Clark explorou a relação entre o corpo e a obra de arte através das peças "Bichos" que, em sua estrutura de placas de metal articuladas, desafiava o espectador a interagir e manipular a obra. A artista acreditava que o público poderia desempenhar um papel fundamental na concepção da obra atribuindo-a sentido por meio da participação ativa e colaborativa, tornando a contemplação do fruidor parte do processo criativo, no qual o pensamento e a ação do público se tornam seu elemento central, como co-criadores do projeto. Em um de seus textos Clark resume bem o seu pensamento:

"[...] Nós somos os propositores: enterramos a obra de arte como tal e chamamos você para que o pensamento viva através de sua ação. Nós somos os propositores: não lhe propomos nem o passado nem o futuro, mas o agora." (Clark, L. 1968).<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> 1968 - Nós Somos os Propositores:  
Disponível em:<<https://portal.lygioclark.org.br/acervo/65313/1968-nos-somos-os-propositores>>  
Acesso em: 17 de outubro de 2023.

Já Hélio Oiticica, neste contexto, entendia o espectador como o motor essencial de sua obra. Em sua expressão artística intitulada “Parangolés”, uma espécie de capa (feita em tecido, plásticos, sacos e etc.), ele convida o espectador a se tornar parte ativa da experiência artística; no ato de vestir-se das capas coloridas e flexíveis para se movimentar e dançar, tornando o próprio público arte viva. Oiticica colocou nas mãos (ou no corpo) do espectador a decisão de aceitar esse convite e vivenciar a experiência artística por completo, tornando-se também co-criador da obra.

Felipe Scovino, curador e professor na Escola de Belas Artes (UFRJ), em seu artigo “A vontade poética no diálogo com os Bichos: o ponto de chegada de uma arte participativa no Brasil”<sup>4</sup> argumenta que a arte deveria ser vivenciada da forma mais direta e inserida às vivências cotidianas. Conforme Scovino, “essa doação de sensorialidade do ato criativo para o participador demonstra uma vontade de disseminação da arte na vida”. Perceber como as propostas de Clark e Oiticica desempenharam papéis fundamentais na transformação da arte participativa ao permitir que as pessoas tocassem, manipulassem e interagissem diretamente com suas criações, certamente marca a história da arte brasileira.

Assim também, em paralelo no oriente, a poetisa, artista e ativista japonesa Yoko Ono (1933), contemporânea de Clark e Oiticica, também apresenta abordagens participativas em suas obras. Ono é conhecida por suas “instruções” artísticas, proposições que incentivam o espectador a executar tarefas específicas. Suas principais motivações derivam de questões culturais e sociopolíticas, normalmente voltadas pela defesa das mulheres e da paz.

A instalação serial “*Wish Tree*” (Árvore dos Desejos) é um exemplo marcante de sua abordagem artística que combina proposições e participação do público. Essa obra, iniciada em 1996, tem sido uma presença constante em exposições ao redor do mundo, convidando as pessoas a participarem ativamente na criação da obra. A artista inicia a instalação quando uma árvore nativa do local é plantada, e o público é convidado a escrever seus desejos pessoais de paz em pedaços de papel e amarrá-

---

<sup>4</sup> A vontade poética no diálogo com os Bichos: o ponto de chegada de uma arte participativa no Brasil: Disponível em:<<https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/51350/27749>> Acesso em: 17 de outubro de 2023.

los nos galhos da árvore. A proposição indicativa dita a ação ao espectador: "Faça um desejo. Escreva em um pedaço de papel. Dobre-o e amarre-o em um galho de uma 'Árvore dos Desejos'. Peça aos seus amigos para fazerem o mesmo. Continue desejando. Até que os galhos fiquem cobertos de desejos". Esse gesto simples, mas carregado de significado, cria um espaço de conexão entre o indivíduo e a natureza, entre as aspirações pessoais e a esperança coletiva por um mundo pacífico.



**Figura 1:** *Wish Tree* na exposição "Yoko Ono To The Light" na galeria Serpentine, Londres, 2012.

Assim como Lygia Clark e Hélio Oiticica, Yoko Ono desafia a ideia tradicional de obra de arte como um objeto estático e exaltado, em um processo efêmero e compartilhado. Sua arte transcende dimensões psicológicas e associações pessoais, convidando o público a se envolver ativamente na criação e evolução da obra, consequentemente a artista não se interessa por controlar o processo e a evolução da instalação, permitindo que uma nova dimensão, realizada com diferentes níveis de criatividade, em que cada participante deixa sua marca.

A série de instalações surgiu após uma árvore exposta na Finlândia se transformar em uma mini floresta, provando que o projeto deveria se expandir para mais árvores e em mais lugares. Os desejos escritos pelos participantes são preservados e acumulados, formando uma espécie de arquivo coletivo de aspirações, esses desejos são então enterrados na base da "*Imagine Peace Tower*" (Torre Imagine a Paz) na Islândia. A arte de Yoko Ono é uma lembrança de que, através da arte, da participação ativa e da expressão de desejos comuns, pode-se aspirar a um futuro melhor e mais pacífico. O legado deixado por esses artistas como Clark, Oiticica e Ono, transcende seu tempo e continua a ecoar na arte contemporânea, que ainda possui potencial transformador, atingindo sentidos, e ativando percepções.

### **2.3 Hito Steyerl**

No campo da arte contemporânea, a artista e escritora alemã Hito Steyerl, já mencionada nesta pesquisa, tem em sua linguagem poética influências da era digital e a cultura da internet. Muitos de seus trabalhos têm vídeos encontrados na web e elementos da cultura *online* como objeto, que criam narrativas visuais complexas que exploram questões críticas, como economia, tecnologia, globalização, política e violência.

A instalação "*Hell Yeah We Fuck Die*", exposta em 2016 na 32<sup>a</sup> Bienal de arte "Incerteza Viva", em São Paulo<sup>5</sup>, é composta por diversos elementos visuais, como vídeo, som e luz que abordam uma série de conceitos provocativos, produzidos a partir de uma estrutura que se assemelha a um circuito de exercício físico, composta por barras metálicas e painéis. Essa estrutura incorpora vídeos que retratam robôs humanoides sendo submetidos a testes de resistência/qualidade de produto, enquanto são agredidos em nome do progresso tecnológico e da eficiência. A trilha sonora que acompanha a instalação foi composta a partir das palavras "*Hell Yeah We Fuck Die*" (Inferno Sim Nós Foda Morrer), que são as cinco palavras mais usadas nos títulos de músicas em inglês na última década, que Steyerl materializa em caixas

---

<sup>5</sup> 32<sup>a</sup> Bienal de arte de São Paulo- Hito Steyerl:  
Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=IPccNicO1wc>> Acesso em: 17 de outubro de 2023.

luminosas dessas palavras. Essa escolha irônica de palavras traz a reflexão sobre uma cultura de violência e incerteza que permeia a sociedade contemporânea. Neste trabalho a interação entre o público e a instalação é fundamental, uma vez que os espectadores são conduzidos a percorrer o circuito para refletir e experimentar a obra em sua totalidade.



**Figura 2:** STEYERL, Hito. "Hell Yeah We Fuck Die", Instalação de vídeo, som e luz, Dimensões variáveis, obra itinerante, 32<sup>a</sup> Bienal de São Paulo - Incerteza Viva, 2016.

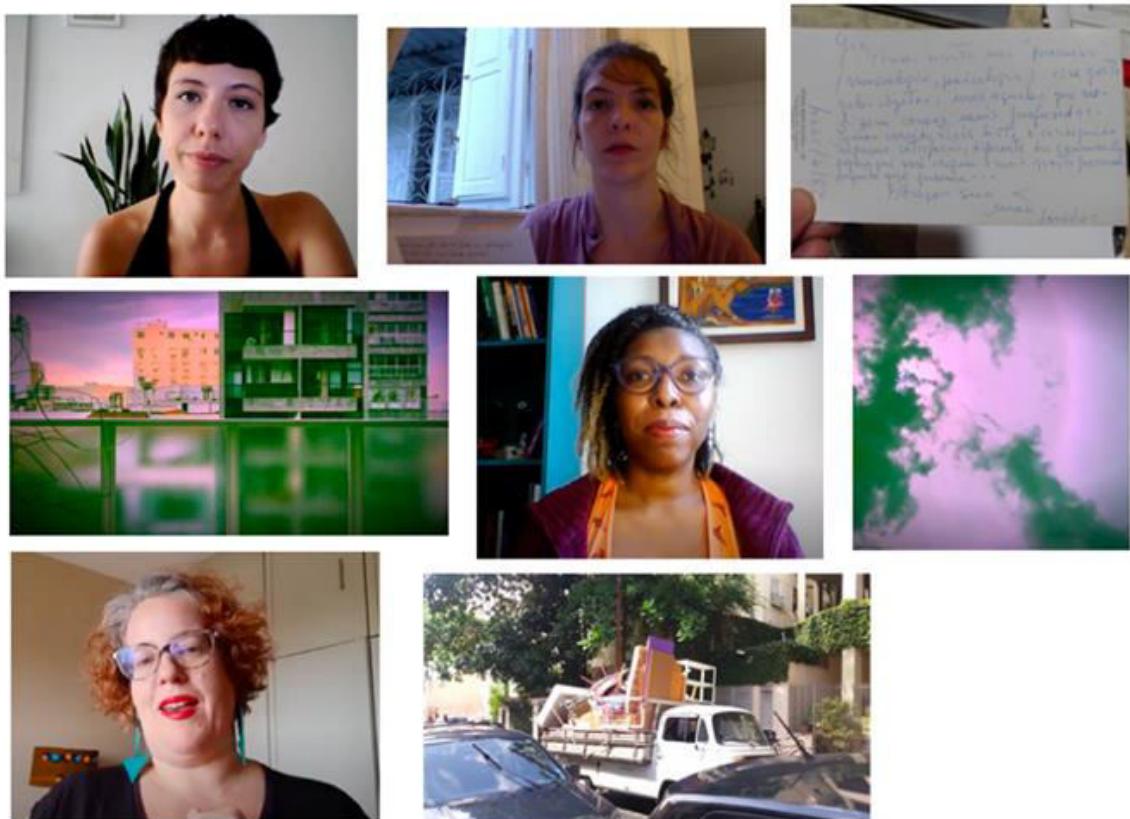
Steyerl provoca uma reflexão sobre o conceito de produtividade em um mundo dominado pelo capitalismo. A escolha da palavra “robô” para descrever os trabalhadores mecânicos submetidos a testes não é aleatória, pois tanto os robôs, nesta obra, quanto os trabalhadores humanos estão sujeitos a formas de exploração e abuso em prol da eficiência e do lucro. *"Hell Yeah We Fuck Die"* pode ser um exemplo de como a arte contemporânea pode provocar reflexões sobre a sociedade e a economia moderna, onde a busca incessante pelo lucro muitas vezes colide com os direitos humanos e a dignidade dos trabalhadores. A artista se destaca não apenas por observar o mundo ao seu redor, mas também por buscar envolver ativamente o público em um diálogo crítico sobre questões pertinentes da sociedade atual,

provocando questionamentos sobre o preço da eficiência na vida humana e suas consequências.

## 2.4 Ana Costa e Silva

A artista contemporânea carioca Anna Costa e Silva, agrega a esta pesquisa, pois, por meio de instalações artísticas, ela trabalha as relações humanas em suas diversas formas a contar de suas fragilidades. Através dessas proposições artísticas, cria-se uma série de dispositivos que impulsionam situações de intimidade e estranheza entre a artista, a pessoa objeto de estudo, e o público consumidor final.

Em especial, três trabalhos da artista serão citados aqui como referencial artístico brasileiro que tocam em discussões pertinentes à pesquisa, se relacionando, principalmente, a temas como o modo de vida tecnológico e as relações humanas do povo contemporâneo.



**Figura 3:** SILVA, Anna. "Para Alguém que Está me Ouvindo", Vídeo arte- experiência performativa, 2020.

O primeiro trabalho, intitulado "Para Alguém que Está me Ouvindo", se trata de uma proposição performática de troca de correspondências virtuais (videocartas) entre pessoas desconhecidas durante o período de confinamento social ocasionado pela pandemia da Covid-19. Para execução do projeto, Anna Costa se juntou a outras cinco artistas para produzir as correspondências virtuais que tratavam de suas experiências pessoais, medos, angústias, maravilhas, sonhos e expectativas perante o contexto da época. A princípio, cada artista gravou e enviou suas videocartas para qualquer pessoa de sua respectiva casa. Em um segundo momento, Anna Costa e Silva publicou uma convocatória para qualquer pessoa que tivesse interesse em se inscrever no projeto a fim de receber uma correspondência virtual. Cada carta tinha um título e cada participante teve a oportunidade de escolher sua correspondência por meio desses títulos, mantendo o desconhecimento da autoria.

Foram mais de 400 participantes do mundo todo que se propuseram a participar dessa experiência de troca, um a um, que envolveu intimidades e fragilidades de indivíduos desconhecidos em recolhimento, provocados a mergulharem na obra de arte para encontrar-se consigo mesmo e com o próximo em reflexão profunda. É interessante refletir a respeito do título da obra "Para Alguém que Está me Ouvindo", a partir do contexto da vida hiperconectada na atualidade, pode soar como um apelo da artista que aparenta falar em meio à multidão que, até pode escutá-la, mas não a ouve. Talvez não estejam dispostos a conceder-lhe seu tempo comprometido com o produtivismo, ou sua voz seja apenas mais uma das milhões que ecoam no ambiente virtual, entediando seu destinatário já cansado.

Aqui, a afetividade é o que difere o ouvir do escutar; o que ouve se envolve ao permitir-se afetar pelo descrito na videocarta, e o remetente é afetado ao produzi-la e ao ser ouvido. "Para Alguém que Está me Ouvindo" não pede resposta, mas ela vem por parte de quem vê beleza e naturalidade na fragilidade humana, em claro contraste com quem a suprime entendendo-a como fraqueza.

"Para Alguém que Está me Ouvindo", sem dúvidas, pode ser interpretada como uma crítica ao modo de vida tecnológico e as relações humanas contemporâneas moldadas por ele. Presentes nas redes sociais, pessoas possuem milhares de seguidores, curtidas, engajamento e as maneiras de interação mais diversas e que se expandem ainda mais, mas, ironicamente, as mesmas pessoas não são ouvidas. A

luz das reflexões sobre afeto aqui apresentadas, não seria presunção afirmar que a humanidade nunca, em toda a história, foi tão escutada e, simultaneamente, tão pouco ouvida. Nunca foi tão conectada e tão pouco afetuosa.

Neste contexto, a análise da metodologia aplicada no projeto também importa. É curioso e beira o sarcasmo que para tecer críticas aos meios de comunicação da atualidade, a artista Anna Costa e Silva tenha utilizado a própria internet como canal de propagação e experimento, de forma que sem a qual a materialização da ideia seria inviável. Ao fazer menção às antigas correspondências, evoca nostalgia no expectador o transportando para a quietude do passado, funcionando como um tipo de portal escondido em meio a tanta informação que o direciona a alguém que também esteja a procura de uma troca sincera em um lugar tranquilo e calmo, sem espaço para cobranças, julgamentos, *networking*, curtidas ou “flops”.

É a partir da prática artística da escuta empregada por Anna Costa e Silva que a arte cede espaço e pode tocar cada indivíduo ao trazê-lo para participação da obra. Ao explorar a prática do encontro, para além de oportunidade de local de fala, a artista possibilita resgatar e construir afetos e perceptos da intimidade do outro, a partir do que o outro tem a oferecer. Como a própria artista menciona na entrevista no site do Prêmio Pipa: “Esgarçando as relações entre arte e vida, realidade e ficção, performer e espectadorx, pretendemos criar uma experiência de proximidade e contato, em contraponto com a solidão imposta”.<sup>6</sup>

O segundo trabalho de Anna Costa e Silva, analisado nessa pesquisa, aparece intitulado Etér/Ether, no qual a artista explora temas de encontro, deslocamento e coexistência durante o breve momento que antecede o adormecer noturno. O projeto consiste em um experimento no qual a artista se oferece, por meio de uma chamada aberta nas redes sociais e em lugares públicos, para dormir na casa de qualquer um que a procurasse. Aqui, o foco é o diálogo e troca para com o participante nos momentos anteriores ao adormecer em seu quarto. A artista visitou os participantes sozinha e levou um gravador de voz para registro. A experiência se desdobra através da conversa no ambiente escuro e de repouso e, gradativamente, a artista e os

---

<sup>6</sup> Anna Costa e Silva realiza trabalho interativo online:  
Disponível em:<<https://www.premiopipa.com/2020/04/anna-costa-e-silva-realiza-trabalho-interativo-online/>> Acesso em: 17 de outubro de 2023.

participantes desconectam-se da realidade inquieta do dia-a-dia e excesso de mundo para gerarem conexões entre si distantes da lógica racional e desperta.



**Figura 4:** SILVA, Anna. "Éter | Ether", Ação /Instalação Sonora, 2015-2018.

O projeto se materializou em uma exposição instalativa sonora, apresentado como um ambiente completamente escuro, criado a partir do percepto das lembranças de Anna Costa diante das conversas do experimento. A instalação é composta por uma série de colchões espalhados pelo chão no ambiente, nos quais os visitantes podem deitar-se e ouvir diversas vozes e sons através de 6 canais de áudio. Conversas pré repouso que se mesclam em ondas sonoras não lineares que percorrem narrativas singulares e intimistas do imaginário, onde histórias são trazidas à luz, traumas, reflexões e amores emergem; o cotidiano e a vida são expressos em narrativas, possibilitando que imaginário humano do fruidor da instalação visite e comungue para com o experimento de Anna Costa e Silva em uma proposição participativa que expõe a prática da escuta atribuindo importância às afeições humanas em detrimento do modo de vida inquieto e agitado da contemporaneidade.

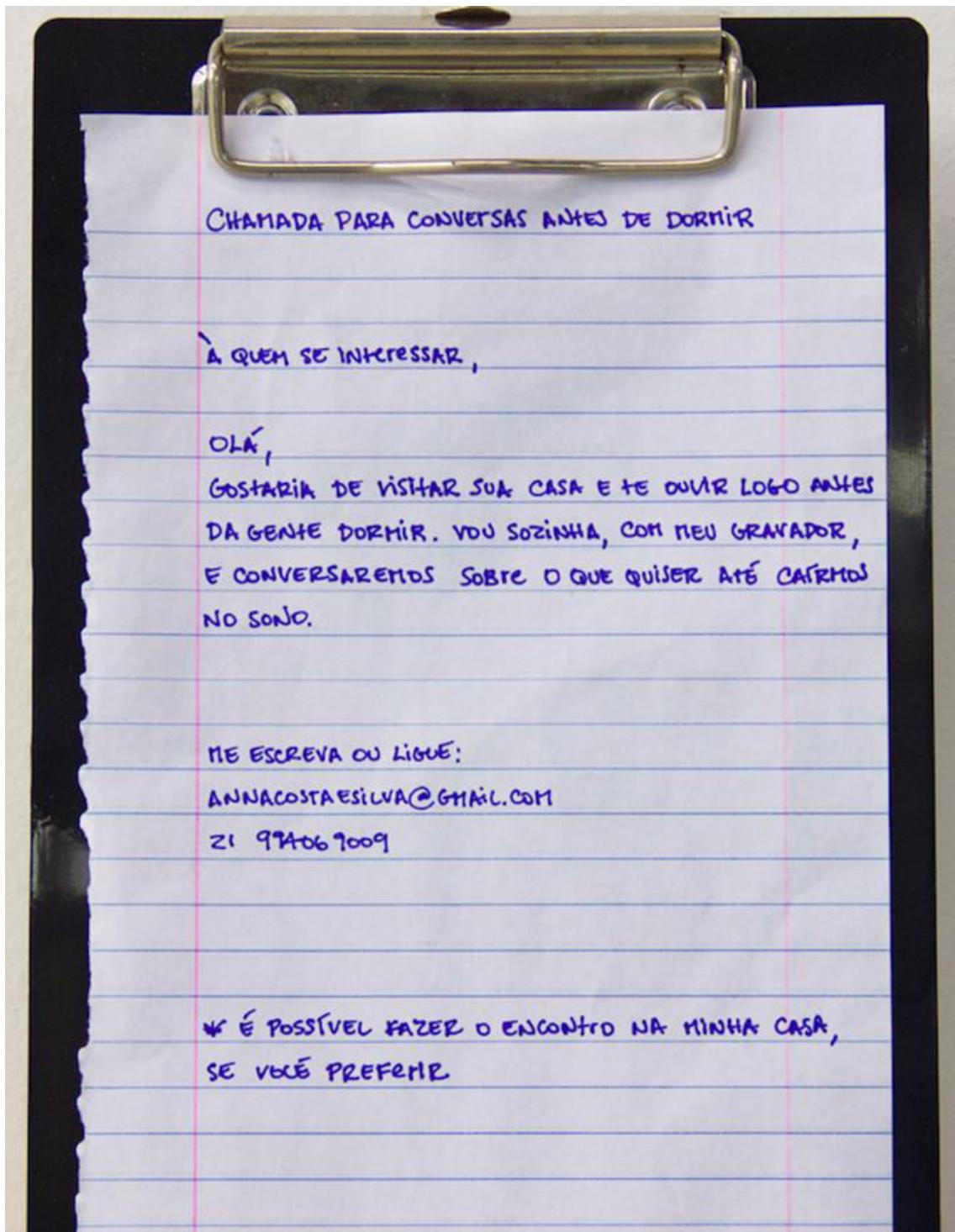


Figura 5: SILVA, Anna. Éter | Ether, ação /Chamada para conversas antes de dormir, 2015-2018.

Para o terceiro trabalho aqui analisado intitulado “Ofereço Companhia”, Anna Costa e Silva parte de uma ação na qual a artista oferece sua companhia para qualquer pessoa em qualquer atividade que seja. A ação/modo de vida durou 21 dias,

e a chamada para o projeto aconteceu por meio de anúncios publicados em jornais, redes sociais e sites de anúncio. A artista prestou total disponibilidade para atender toda companhia solicitada e, durante todo o período, sua vida pessoal esteve em segundo plano. O experimento se desdobrou em uma exposição instalativa que contou com os vestígios do projeto que documentaram a experiência: os anúncios nos jornais e mídias sociais, a agenda da artista nos 21 dias que listava todos os encontros solicitados, os e-mails e mensagens que recebeu a partir do anúncio, uma foto por encontro e monóculos com histórias íntimas e reflexões que ouviu nos encontros.



**Figura 6:** SILVA, Anna. "Ofereço Companhia", ação/ modo de viver, 2016-2017.

Outro desdobramento da ação é apresentado por um vídeo que registra o momento em que a Anna Costa e Silva entra em contato via telefone com o jornal "O Globo" para iniciar o processo de publicação do anúncio. Na ocasião, a atendente da instituição contratada questiona a finalidade e motivações da artista com o anúncio em um tom de desconfiança, afinal, a iniciativa não envolve fins lucrativos e isso causa estranhamento. E, essa sensação de estranhamento diante de uma relação humana sem fins lucrativos e que não oferece nenhum tipo de benefício aparente às partes, se conecta com os argumentos de Walter Benjamin, Tania Rivera e, em especial, de Jonathan Crary, que pautam o capitalismo e produtivismo como aspectos centrais da vida contemporânea. Toda atividade que demande esforço e tempo a um indivíduo e não lhe recompense proporcionalmente de alguma forma, é assimilada com estranheza e como exceção pela sociedade. Aqui, o processo artístico proposto e exposto por Anna Costa e Silva adota, propositalmente, a lógica contrária à realidade capitalista. A experiência vivida pela artista exigiu tempo, esforço e empenho e não

Ihe retribuiu com algo que poderia ser convertido imediatamente em capital, ou seja, para a realidade produtivista, foram 21 dias de inércia e improdutividade.



**Figura 7:** SILVA, Anna. "Ofereço Companhia", anúncio no jornal, 2016-2017.

## 2.5 Sofia Caesar

A partir de sua prática artística envolvendo performance e vídeo, a artista brasileira carioca Sofia Caesar explora o cotidiano a partir da temática interativa entre dispositivos tecnológicos e os efeitos íntimos no corpo humano, ao abordar a influência direta na relação com o trabalho que exige demandas corporais físicas de produtividade. Nesta pesquisa destacam-se dois trabalhos da exposição "Superaquecidas" de Caesar, a primeira obra, que leva nome da exposição, se trata de uma instalação composta por quatro televisões apoiadas ao chão, ligadas a cabos e fios aparentes, alguns bancos tortos e ventiladores de chão. Por meio das televisões, vídeo performances colaborativas são expostas, dirigidas por Caesar e performadas por Andrea Capella, Varinia Canto Vila, Laura Samy, Lara Negalara, Nyandra Fernandes e Michelle Chevrand.



**Figura 8:** CAESAR, Sofia. "Superaquecidas", Instalação artística, Galeria Cavallo, Rio de Janeiro, 2022.

A princípio, o vídeo parece retratar quatro mulheres em situações cotidianas de trabalho *home office*, mas logo emergem suas nuances. Todas expressam profunda angústia e agonia enquanto trabalham e, esses sentimentos são expressos através da sensação de intenso calor na qual todas estão condicionadas. O calor pode ser subentendido como a agonia resultante de constante pressão, alta demanda, quantidade de informações a serem assimiladas e incessante estado de estresse. Na performance, não ironicamente, tal qual as máquinas precisam de seus sistemas de resfriamento para que suportem o trabalho contínuo e não sucumbam ao calor. As mulheres recorrem a todo tipo de recurso a fim de se refrescarem e encontrarem alívio em meio ao ambiente hostil. Pode-se refletir sobre o desafio dos limites entre corpo e tecnologia, pela proposição do trabalho de arte que atinge o ápice quando, em uma das situações registradas em performance, o computador superaquece e deixa de funcionar, apesar dos esforços da profissional em mantê-lo ativo.

A artista comenta sobre o ambiente de trabalho: "Nossos computadores foram feitos para funcionarem bem nas condições climáticas do Vale do Silício, e na verdade, o que está sendo universalizado como um novo modelo de trabalho é muito local"<sup>7</sup>. Se até as máquinas chegam ao seu limite superaquecendo e consequentemente se auto desligando, qual seria o superaquecimento dos humanos? Daí surge um dos questionamentos que emergem da obra: o que fazer com o corpo em situação de superaquecimento?

"Superaquecidas" lembra que, em uma era marcada pela onipresença tecnológica e guiada por conceitos produtivistas capitalistas, o corpo aparenta ser visto como obsoleto quando suas fragilidades humanas são expostas.



**Figura 9:** CAESAR, Sofia. "Superaquecidas", Videoarte, 2022.

A artista cria a instalação de modo que o espectador possa ser imergido nela e, para isso, faz uso de elementos expositivos como os banquinhos tortos e ventiladores, a fim de gerar uma sensação de desconforto que dialogue com a agonia das performers. O calor opressivo que as mulheres enfrentam pode ser entendido não somente como uma condição climática, mas também como uma metáfora que ilustra os excessos do modo de vida tecnológico somados à pressão produtivista na atualidade. As reflexões geradas pelo trabalho "Superaquecidos" passam pelos questionamentos de Walter Benjamin e Marx, já citados anteriormente, quando abordam a evolução dos meios de produção capitalista. Para os autores, o fenômeno culmina na exploração do proletariado e, até mesmo, em seu encolhimento e, de acordo com as devidas proporções, a obra ilustra este processo.

Outro trabalho da artista Sofia Caesar intitulada "Baile das Obsoletas" trata-se de uma escultura móvel (móvel) composta por fragmentos de smartphones quebrados e

<sup>7</sup> Art Rio, Cavallo I "Superaquecidas", de Sofia Caesar:  
Disponível em:<<https://www.premiopipa.com/wp-content/uploads/2023/04/ArtRio-Ana-Elisa-Cohen.pdf>>  
Acesso em: 17 de outubro de 2023.

pequenos minérios coletados em Minas Gerais suspensos no espaço por meio de fios, que dão equilíbrio à peça. Tornar-se obsoleto significa tornar-se ultrapassado, sem utilidade e substituível. Neste contexto, a abordagem de abstrações de sentimentos ambivalentes causados pelas preocupações da era digital atual, questiona a obsolescência em uma sociedade alucinada por dispositivos eletrônicos, e sua constante busca por melhorias e atualizações. A artista utiliza partes quebradas de alguns smartphones que já pararam de ser produzidos, e assim desafia a lógica do consumo desenfreado imposto pelo meio produtivista do capitalismo, somado ao modo de relacionamento com a tecnologia na atualidade.



**Figura 10:** CAESAR, Sofia. "Baile das Obsoletas", - MóBILE feito com partes de smartphones quebrados e minério coletado em Minas Gerais. 170 x 170 x 200 cm "Exposição "Superaquecidas"- Galeria Cavallo, 2022.

Para além do objeto, a instalação também apresenta questões referentes a velocidade com que a tecnologia se torna obsoleta, por exemplo, quando uma rede social estabiliza seu público consumidor, logo em seguida surge uma nova, aparentemente mais atraente, mas nem sempre com novas funções, muitas vezes uma cópia barata com pequenos ajustes, mas que automaticamente se torna mais relevante, porque nessa lógica, o novo é sempre melhor. O peso dos minérios que puxam a escultura para o seu eixo central, levantam a reflexão de se existe um “peso” que nos mantém em equilíbrio, ou se estamos fracos prestes a cair em desuso, assim como os dispositivos. As proposições de Sofia Caesar oferecem para esta pesquisa uma visão perspicaz das complexidades do mundo contemporâneo, onde o esgotamento, o corpo e a tecnologia são temas centrais na vida de alguns artistas contemporâneos e da sociedade em geral.

### 3 - Metodologia prática da pesquisa em arte: Exposição "Sobrevida"

O presente trabalho busca refletir, a partir de uma perspectiva artística, a hermética comunicação da sociedade contemporânea que vem sendo transformada por tecnologias que são resultantes da constante evolução dos meios de produção capitalista. Essas transformações tocam aspectos básicos para a vida humana como sociabilidade e afetividade, forma o indivíduo se relaciona com o trabalho e, até mesmo, têm sido relacionadas a problemas de saúde e angústias na atualidade. Neste contexto, visamos compreender os impactos dessa realidade na produção artística através da análise crítica dos trabalhos de arte escolhidos como pertinentes para a pesquisa e a junção de pensamentos de autores abordados que expressam os desafios e nuances do modo de vida tecnológico. A arte possui potencial de criação de espaços de resistência e transformação por meio das provocações provenientes de atos artísticos que apresentam reflexões sobre ações e emoções. E, como parte da experiência prática desta pesquisa, emerge "Sobrevida", título da exposição que aconteceu na galeria Mezanino na Escola de Belas Artes (EBA) da UFRJ, em dezembro de 2022, como parte da disciplina de "Exposição", orientada pela professora Paula Scamparini, que atende ao requisito para conclusão do curso de Artes Visuais-Escultura da EBA e que se desdobra nesse texto.



**Figura 11:** Imagem de Divulgação, Exposição "Sobrevida", Galeria Mezanino – UFRJ.

Foi importante para a pesquisa buscar estratégias na arte ao abordar tais condições drásticas da vida contemporânea. Como quando os trabalhos práticos foram colocados em exposição e assim colocados à prova, não podemos aferir precisamente quais interpretações foram alcançadas por cada indivíduo que esteve presente ali, no entanto, as proposições artísticas tiveram o fundamento de conduzi-lo de maneira leve em busca da pertinência de apresentação das temáticas de inquietação psicológica investigadas. A exposição "Sobrevida" surge majoritariamente, com a junção de trabalhos que refletem questões pessoais em sensibilidade a aspectos comuns da vida contemporânea. "Sobrevida" se coloca como um jogo de palavras que indica a vida em si como temática central da exposição e pesquisa; toda a personalidade ali exposta a torna um espaço de intimidade e, também, de identificação por parte do fruidor. Um jogo de palavras de duplo sentido que também remete ao termo sobrevivência. E, sobreviver, pode ser entendido como o ato de manter-se vivo diante de um ambiente ou situação hostil. A ideia de dualidade apresentada aqui também se encontra na relação que os trabalhos da exposição têm entre si, e se faz presente na pesquisa quando tratamos das nuances do modo de vida tecnológico que por vezes aparecem ser paradoxais.

A exposição conta com seis trabalhos, os quais são: Pequenas Alegrias de Dois Mil e Vinte, Tempo de Uso, Telefone Sem Fio, Companhia, Escreva Aqui Suas Preocupações e Produtividade, e dão nome aos próximos subtópicos que tratarão de cada um em específico. Estes trabalhos também foram apresentados como "Escreva aqui suas preocupações: Uma Instalação Interativa" para a 12ª Semana de Integração Acadêmica da UFRJ (SIAC), que aconteceu de 29 de maio a 2 de junho na EBA (Escola de Belas Artes). O projeto de pesquisa PIBIAC (Programa de Bolsas de Iniciação Artística e Cultural) foi orientado pela docente Beatriz Pimenta, e se destacou recebendo menção honrosa pela banca avaliadora vigente.

### **3.1 Pequenas Alegrias de Dois Mil e Vinte**

Como exposição prática dessa pesquisa, "Pequenas Alegrias de Dois Mil e Vinte", se apresenta como uma instalação composta por um ambiente repleto de relatos coletados de pessoas anônimas. Trinta relatos foram impressos em papel vegetal (A4) e pendurados ao teto, dispostos de forma que criassem um tipo de labirinto para que o

espectador pudesse transitar pela obra em uma experiência imersiva. O projeto contou com o uso de alguns materiais, como minis pregadores de roupas para fixação dos relatos e fios de nylon que foram estendidos até o teto. Cada folha continha uma mensagem com descrições pessoais sobre as pequenas alegrias do ano de 2020, juntamente com um registro da data e, ao final, constava uma breve descrição de como estava sendo o ano daquele sujeito em particular.

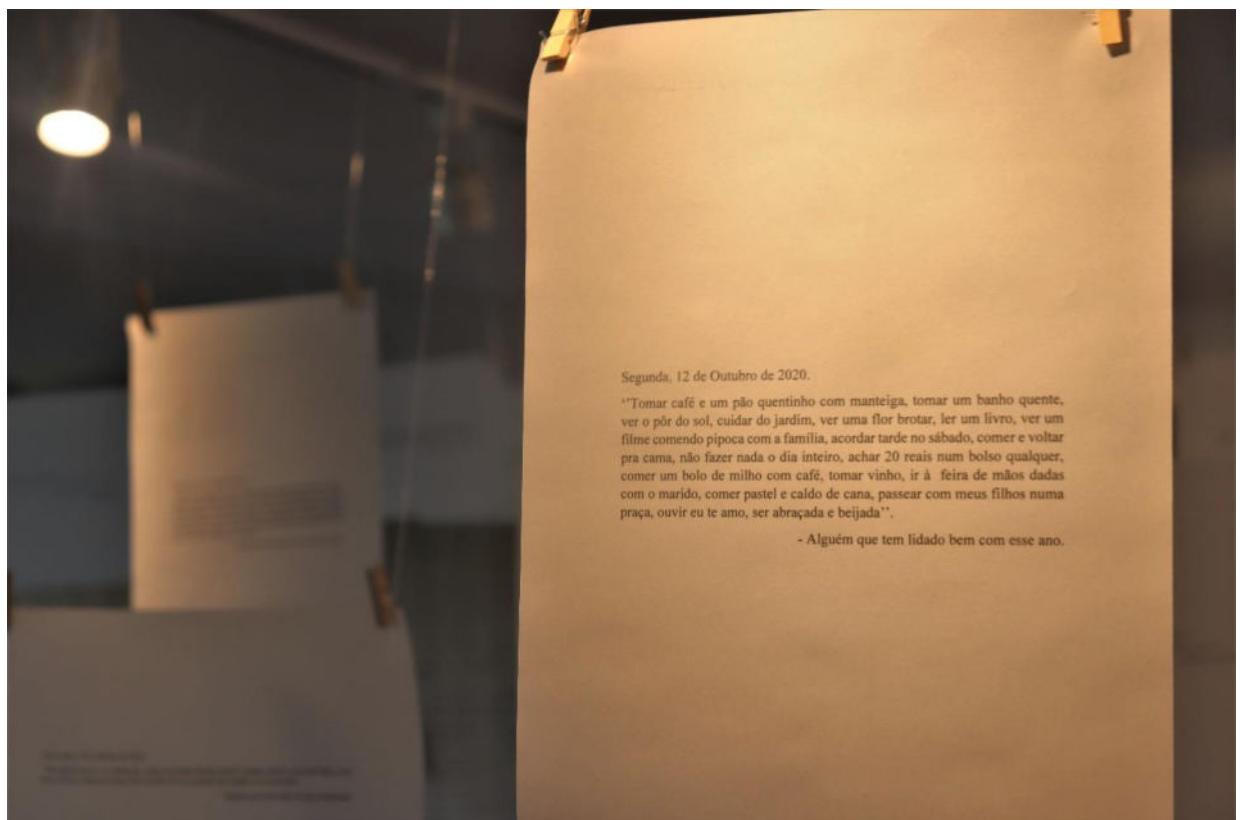
Os relatos expõem alguns acontecimentos particulares e felizes dos participantes no ano de 2020, tempo marcado pelo distanciamento social ocasionado pela pandemia de Covid-19. A análise do contexto do ano de 2020 é imprescindível para a interpretação da obra em sua reflexão e objetivos. Em 11 de março daquele ano, a OMS (Organização Mundial de Saúde) viria a declarar a pandemia de Covid-19, o que fez com que governos de países do mundo todo adotassem o isolamento social como principal meio de contenção à disseminação da doença. Foi um ano marcado por grandes impactos na economia, desemprego, mortes, colapsos em sistemas de saúde pública e privado, inseguranças, medo, perdas, profundas preocupações e angústias.



**Figura 12:** NOLYQ, Alícia. "Pequenas Alegrias de Dois Mil e Vinte", Impressão sobre papel vegetal; nylon e pregador, Dimensões variáveis, Exposição "Sobrevida", Galeria Mezanino - UFRJ, 2022.

De repente, pessoas do mundo todo foram forçadas a parar suas atividades e rotinas. Uma sociedade que, citando Jonathan Crary, abre mão do descanso em prol do produtivismo e que mal interage socialmente sem que haja interesses individuais envolvidos, viu seus projetos serem frustrados ou adiados, suas carreiras estagnarem e, não poucos, perderam seus empregos. Não havia nada que pudesse ser feito para que esse quadro fosse revertido. A sociedade seguiu em regime de isolamento social durante todo o ano de 2020 sem muitas perspectivas concretas para o futuro ou previsão de volta à normalidade.

Deste ambiente, emerge "Pequenas Alegrias de 2020", como pesquisa e proposição. Como pesquisa, a obra procurou entender os reflexos da pandemia nos aspectos sociais e emocionais de parte da sociedade e, como proposição, propôs aos participantes uma experiência introspectiva de reflexão para que encontrassem beleza e felicidade no singelo e ordinário da vida, ao passo que se portou como um canal de escuta e afetividade em uma época de fragilidades e comoção social.



**Figura 13:** NOLYQ, Alícia. "Pequenas Alegrias de Dois Mil e Vinte"- Detalhe-, Impressão sobre papel vegetal; nylon e pregador, Dimensões variáveis. Exposição "Sobrevida", Galeria Mezanino - UFRJ, 2022.

Os dados da pesquisa foram coletados por meio de um formulário criado no Google Forms que foi compartilhado e divulgado nas redes sociais, e também enviado diretamente a familiares. Duzentas e vinte seis respostas foram obtidas e a pesquisa permaneceu online durante seis dias.

Dos trinta relatos que compunham a instalação expositiva, um descrevia as pequenas alegrias do ano da seguinte forma: "Brotos novos nos vasos que plantei; cheiro do café coado vindo da cozinha; brisa fresca entrando pela janela do quarto; dormir até mais tarde no domingo; cheiro de incenso na casa depois da faxina; visita inesperada de um amigo verdadeiro; uma taça de vinho no fim de tarde; pôr do sol laranja iluminando a chegada da noite". E, os outros não se distanciam muito dessas descrições e, no geral, listam as alegrias de 2020 como aspectos ligados à afeto, boas companhias e algum tipo de beleza encontrada no ordinário; como se a interrupção repentina e involuntária dos mecanismos produtivistas e capitalistas causada pela pandemia de Covid-19 tivesse tornado possível que as pessoas resgatassem a sensibilidade no olhar para encontrar valor no que havia ficado em segundo plano até então.

A experiência imersiva do fruidor que visita a exposição e transita em meio aos relatos assimilando-os, se dá quando, ao se deparar com as alegrias expostas, entra em estado de reflexão em seu interior encontrando semelhanças entre as vivências relatadas ali e sua vida pessoal e, então, passa também a procurar se alegrar naquilo que pode ter sido deixado em segundo plano em virtude da vida cotidiana acelerada, afobada e corriqueira. Em seu inconsciente, a partir da proposição presente em "Pequenas Alegrias de Dois Mil e Vinte", pode se deparar com as grandes alegrias da vida.

### **3.2 Telefone sem Fio**

A segunda obra da exposição, intitulada "Telefone Sem Fio", foi uma escultura que buscava evidenciar a importância da comunicação no processo da interação humana, em um tempo no qual as possibilidades de comunicação são as mais diversas, frente às tecnologias e à internet. A escultura é composta por dois objetos cilíndricos em formato de boca humana, postos a 1 metro de distância, presos um ao outro por um

fio de barbante. As peças foram feitas em argila e produzidas na disciplina de Cerâmica I, orientada pela Professora Katia Gorini, no ateliê de cerâmica da Escola de Belas Artes da UFRJ.



**Figura 14:** NOLYQ, Alícia. "Telefone sem Fio", tinta acrílica sobre argila, verniz, barbante, 11 x 7 cm. Exposição "Sobrevida", Galeria Mezanino - UFRJ, 2022.

A brincadeira infantil “telefone de lata” ou “telefone sem fio” serviu como referência para esta proposição artística, ao buscar estabelecer uma conexão emocional com o espectador, e o transportar para suas próprias experiências infantis por meio da nostalgia, e até o fazer relembrar de uma época onde a internet das coisas não permeava tudo e a todos. O jogo infantil é uma maneira de explorar as propriedades do som e da comunicação. O brinquedo proposto, por assim dizer, se dá a partir de duas latas que tem suas bases furadas e são ligadas por um fio de barbante. Para brincar, os jogadores se separam e seguram a lata a certa distância, até que o fio se estique, quando uma pessoa fala com uma das latas próxima a boca, a voz faz vibrar o fundo da lata, criando ondas sonoras que se propagam pelo fio e são recebidas pelo fundo da outra lata. O som é amplificado, permitindo que os jogadores possam conversar. Na brincadeira tomada como referência, o fio das latas precisa estar

totalmente esticado para que o som percorra até os ouvidos do jogador. Já nessa proposição artística, o fio que liga os dois objetos é estendido, mas sem que esteja esticado tomando forma de uma parábola, buscando representar a falta de interesse na prática da escuta entre as pessoas. Para dentro da “boca” dos objetos os fios se encontram emaranhados, simbolizando a comunicação falha, ou a falta dela.



**Figura 15:** NOLYQ, Alícia. “Telefone sem Fio”, Detalhe- tinta acrílica sobre argila, verniz, barbante, 11 x 7 cm. Exposição “Sobrevida”, Galeria Mezanino - UFRJ, 2022.

Perante ao tema da comunicação humana, é válido questionar até que ponto a internet se tornou benéfica, apesar de ser uma ferramenta que oferece uma ampla

gama de oportunidades e possibilidades, é necessário compreender as nuances de como a sociedade se relaciona com a telemática, para aprofundar na análise do que é relevante para essa discussão. Atualmente, a internet é tida como uma ferramenta comum, que possibilita a realização das mais diversas e variadas atividades, porém, todas ações estão diretamente relacionadas a algo essencial e básico para o ser humano desde os tempos mais antigos: a comunicação. Se antigamente, tempo e distância eram obstáculos que comprometiam a assertividade de um contato, hoje, tais problemas foram sanados por ferramentas oferecidas por meio da internet. No entanto, a partir de uma série de análises sociais, é plausível afirmar que as novas facilidades criadas pela tecnologia apresentam também alguns reflexos que podem ser avaliados como negativos no que diz respeito à vida em sociedade da humanidade.

A Interação pessoal, que outrora desempenhou um papel central na vida humana, tem gradualmente perdido espaço para a crescente busca por interesses individuais, levando muitas pessoas a se isolarem em suas vidas digitais. Como vimos, Jonathan Crary argumenta que a conexão social moderna tem se tornado cada vez mais individualista: "No capitalismo 24/7, toda sociabilidade que não se reduz ao mero interesse individual se esgota inexoravelmente, e a base inter-humana do espaço público se torna irrelevante para nosso isolamento digital fantasmagórico" (Crary, 2011, p. 68). Perante essas reflexões, aqui a prática artística trilhou justamente o caminho inverso do individualismo, provocando reflexões sobre a comunicação e o desejo de interação pessoal por meio do sentimento de nostalgia causado pelas lembranças de tempos remotos e brincadeiras de crianças, quando a tecnologia não era tão presente na vida do espectador, mas, de alguma forma, parece que se via mais conectado aos seus entes, pelo menos aparentemente, mais do que está hoje.

As reflexões presentes na obra "Baile das Obsoletas" de Sofia Caesar citada anteriormente, abordam o processo do tornar-se obsoleto, e aplicadas a este contexto faz com que surja o seguinte questionamento nessa pesquisa: a comunicação afetiva *offline* e os relacionamentos interpessoais que demandam tempo e esforço das partes envolvidas para que sejam estabelecidos estão se tornando obsoletos frente às novas facilidades e tecnologias que possibilitam a comunicação instantânea à distância?

"Telefone Sem Fio" provoca uma reflexão sobre a importância da comunicação na atualidade, e como sua evolução tem influenciado as relações e a percepção do

mundo. Além disso, a escolha da brincadeira como tema e metodologia prática, também aponta para a importância do lúdico e do imaginário na cultura contemporânea. Em um mundo cada vez mais dominado pela tecnologia e pela racionalidade, a obra deixa entrever a necessidade de preservar o lado criativo e espontâneo do ser humano, representado pelas brincadeiras de infância.

### 3.3 Companhia

“Companhia” traz a reflexão sobre afetos em um mundo tecnológico, e uma vida hiperconectada, através da apresentação de uma ilustração digital que captura uma vídeo chamada entre família e amigos queridos, um momento cotidiano que se tornou emblemático na era digital. A divisão da ilustração em oito seções de vídeo chamadas, com um total de 14 pessoas, reflete a diversidade de relacionamentos mantidos nas vidas humanas, destacando como a tecnologia permite transcender as barreiras geográficas em busca de conexões emocionais.



**Figura 16:** NOLYQ, Alícia. “Companhia”, Ilustração digital sobre sufito, 29,7 x 42 cm. Exposição “Sobrevida”, Galeria Mezanino - UFRJ, 2022.

Neste cenário de hiperconexão, este trabalho assume um papel fundamental ao explorar as novas formas de manter os afetos em tempos modernos. A escolha de

representar essa vídeo chamada em formato de ilustração digital é significativa, porque em um mundo inundado de imagens e vídeos reais, a decisão por uma abordagem digital que, paradoxalmente, resgata a sensibilidade e a singularidade das relações humanas. Essa representação artística da tecnologia pode lembrar que, por trás das telas brilhantes, há seres humanos reais compartilhando momentos genuínos de carinho, saudade e companheirismo.



**Figura 17:** NOLYQ, Alícia. “Companhia”, Detalhe- Ilustração digital sobre sufite, 29,7 x 42 cm.  
Exposição “Sobrevida”, Galeria Mezanino - UFRJ, 2022.

A vida contemporânea levanta a necessidade de tornar tudo mais próximo, e a tecnologia tem se apresentado como a ferramenta que tem possibilitado o encurtamento das distâncias físicas ao passo que transforma a presença virtual em

uma extensão da presença real. No entanto, "Companhia" propõe a reflexão a respeito da autenticidade dessas interações, levantando o questionamento sobre a possibilidade de, em um futuro próximo, as relações pessoais e físicas serem totalmente substituídas por relações puramente virtuais. Ainda não se tem resposta para esta questão, mas Hito Steyerl, ao ser entrevistada pelo The New York Times, dá sua opinião: "Não acho que a internet ou uma grande corporação digital consiga abranger todas as relações humanas; são tediosas demais. Depois de um tempo, o pessoal quer mais é conversar um com o outro, cara a cara".<sup>8</sup>

A palavra "Companhia" significa "Presença (de um ou mais indivíduos, animais ou coisas) junto de outros; quem ou o que acompanha". A escolha do título "Companhia", acontece a partir de um momento de solidão, resultado de uma ocasião de ausência física de entes queridos, que foi reduzido a partir dos meios de comunicação disponíveis na era tecnológica.

Acima de tudo, "Companhia" toca reflexões sobre as relações afetivas em contraste com o mundo cada vez mais virtualizado, através da ilustração digital, a produção traz à tona temas relacionados aos sentimentos e às relações afetivas em tempos modernos.

### **3.4 Tempo de Uso**

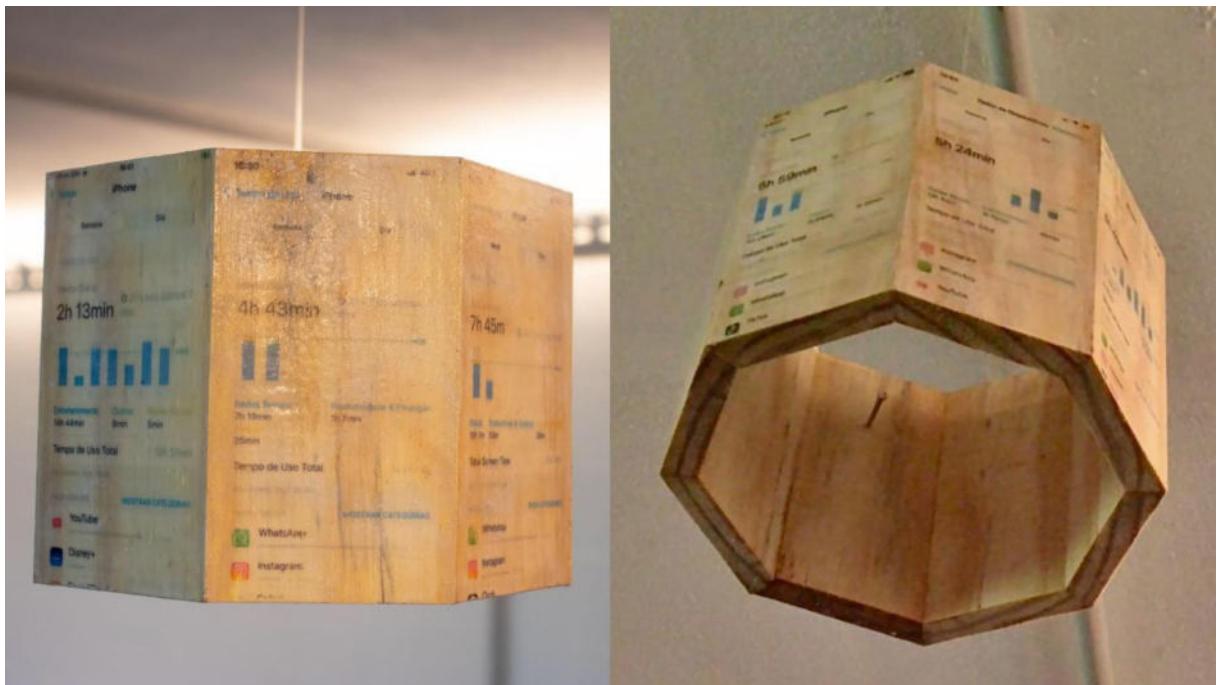
A exigência por produtividade e a aceleração dos vigentes meios de comunicação da sociedade contemporânea tornam o tempo de uso dos aparelhos eletrônicos cada vez maiores, neste contexto surge a escultura intitulada "Tempo de Uso".

Sobre uma peça confeccionada em madeira, de formato octogonal, capturas de tela foram impressas por meio da técnica de transfer. E, as capturas de tela apresentam a média de horas diárias e semanais que alguns usuários de telefones móveis passam

---

<sup>8</sup> Como Hito Steyerl usa seu poder em nome da mudança:  
Disponível em:<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2017/12/como-hito-steyerl-usa-seu-poder-em-nome-da-mudanca-cjbnvft36035h01p9imlycu5u.html>> Acesso em: 17 de outubro de 2023.

diante das telas. Tempo de uso oferece uma premissa das complexidades da sociedade (agora mais do que nunca) hiperconectada, ao representar o tempo de dedicação aos dispositivos móveis, questiona os hábitos digitais no modo de vida contemporâneo, como também apresenta reflexões sobre as implicações do uso excessivo.



**Figura 18:** NOLYQ, Alícia. “Tempo de Uso”, Transfer sobre madeira, verniz, prego e nylón, 14 x 46 x 1,5 cm. Exposição “Sobrevida”, Galeria Mezanino - UFRJ, 2022.

A escultura está disposta em um local de passagem no centro do ambiente da exposição, e convida o público à aproximação. Pendurada ao teto, presa por alguns pregos internos e um fio de nylón, a escultura rotaciona em torno do seu próprio eixo em resposta ao toque do espectador que interage com a peça a fim de poder observá-la por completo. Cada face do octógono apresenta a experiência individual de um usuário. Em primeiro plano, destaca-se o tempo de uso diário do *smartphone*, que vai de 2h13min a 7h45min. As informações seguem e, abaixo, um gráfico exibe dados semanais, ao final, alguns dos aplicativos mais utilizados pelo usuário são apresentados; dentre eles se destacam WhatsApp, Instagram e Youtube. Os dados apresentados são similares aos apresentados pela pesquisa de Jonathan Crary: “Os números de pesquisa de mercado da Nielsen para 2010 mostraram que o norte-americano médio consumiu conteúdo em vídeo de diversos tipos por aproximadamente cinco horas ao dia.” (Crary, 2011, p. 65)

Tempo de uso evidencia a exposição contínua aos telefones celulares, que é o principal ponto de contato entre o usuário e a rede telemática mundial, o meio pelo qual as informações chegam de forma excessiva e cada vez mais rápida. Em grande parte, o conteúdo chega através de estímulos visuais nas redes sociais que, na maioria das vezes, assume as primeiras posições no *ranking* de aplicativos mais utilizados pelo usuário.



**Figura 19:** NOLYQ, Alícia. “Tempo de Uso”, Detalhe- Transfer sobre madeira, verniz, prego e nylon, 14 x 46 x 1,5 cm. Exposição “Sobrevida”, Galeria Mezanino - UFRJ, 2022.

A percepção de que milhões de coisas estão acontecendo no mundo e, todas elas estão disponíveis a alguns cliques ou toques de distância, gera a sensação de que a desconexão digital signifique também a desconexão com o mundo, além do sentimento de esgotamento e angústia que emerge diante da incapacidade humana em assimilar tamanho fluxo informativo.

A obra também se relaciona diretamente com questões que remetem a produtividade. A ideia da aceleração da sociedade contemporânea trazida a esta

pesquisa por meio dos pensamentos de Hito Steyerl e Jonathan Crary, reforça que a hiperconectividade está ligada à busca frenética por produtividade e eficiência. A constante exposição à informação, a necessidade de permanência online e a pressão de se manter produtivo estão moldando o comportamento da sociedade contemporânea que tem encontrado fuga de suas preocupações, ansiedades e angústias na distração digital, criando assim, um tipo de ciclo vicioso que fadiga e esgota o indivíduo. Diante deste cenário, surge o questionamento: a dependência dessas tecnologias para driblar o tédio poderia ser entendida como uma manifestação de ansiedade diante do ritmo acelerado do modo de vida tecnológico contemporâneo?

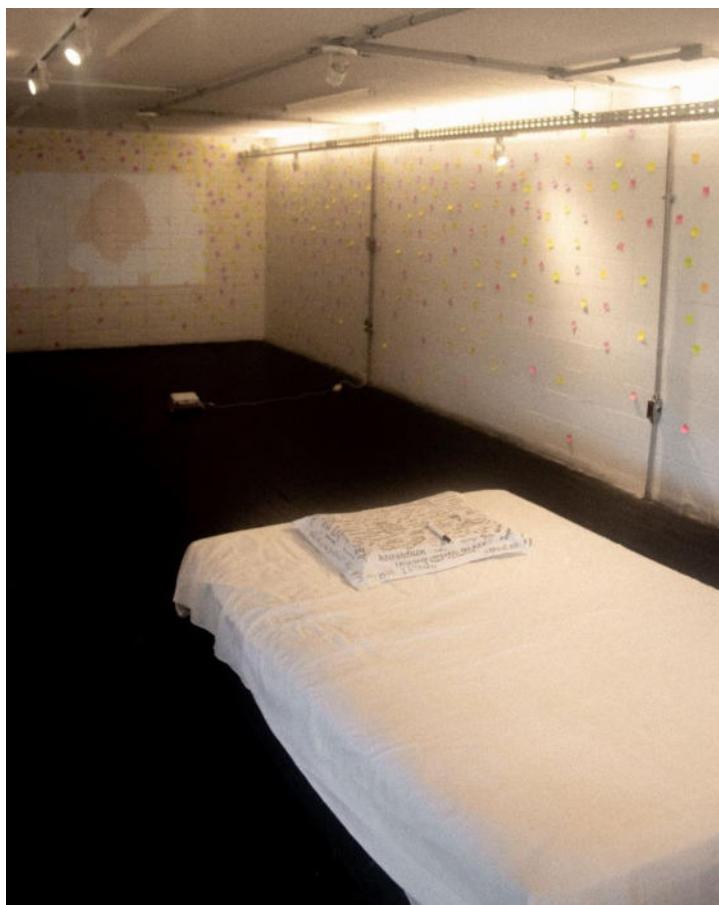
### **3.5 Escreva Aqui Suas Preocupações**

A instalação “Escreva Aqui Suas Preocupações” convida o público a mergulhar nas preocupações cotidianas da vida moderna ao propor que o fruidor participe da concepção do projeto anotando em um travesseiro os pensamentos que lhe afligem. A instalação consiste em um travesseiro posto sobre um colchão branco, com diversas anotações feitas pelo público que interage expondo preocupações individuais recorrentes. O trabalho reflete o fato de que as inquietações não estão presentes somente no tempo em que se está acordado e em atividade, mas também permeia os momentos de repouso e sono de um indivíduo.

Como arte propositiva, a instalação convida o público a se expressar individualmente, e ter participação direta no processo criativo. A escolha de utilizar um travesseiro como suporte da intervenção dos visitantes atribui-lhe uma dimensão intimista, que surge no compartilhar de suas preocupações pessoais, e pelo ato de se sentar no colchão, pegar o travesseiro e escrever seus pensamentos na fronha; que remete ao momento de privacidade e introspecção que acontece antes de dormir. Ao observar as palavras registradas no travesseiro, notam-se preocupações em sua grande maioria voltadas para pensamentos ansiosos sobre o futuro, como: saúde, família e emprego; coisas que são praticamente vitais para a sobrevivência e convívio humano.

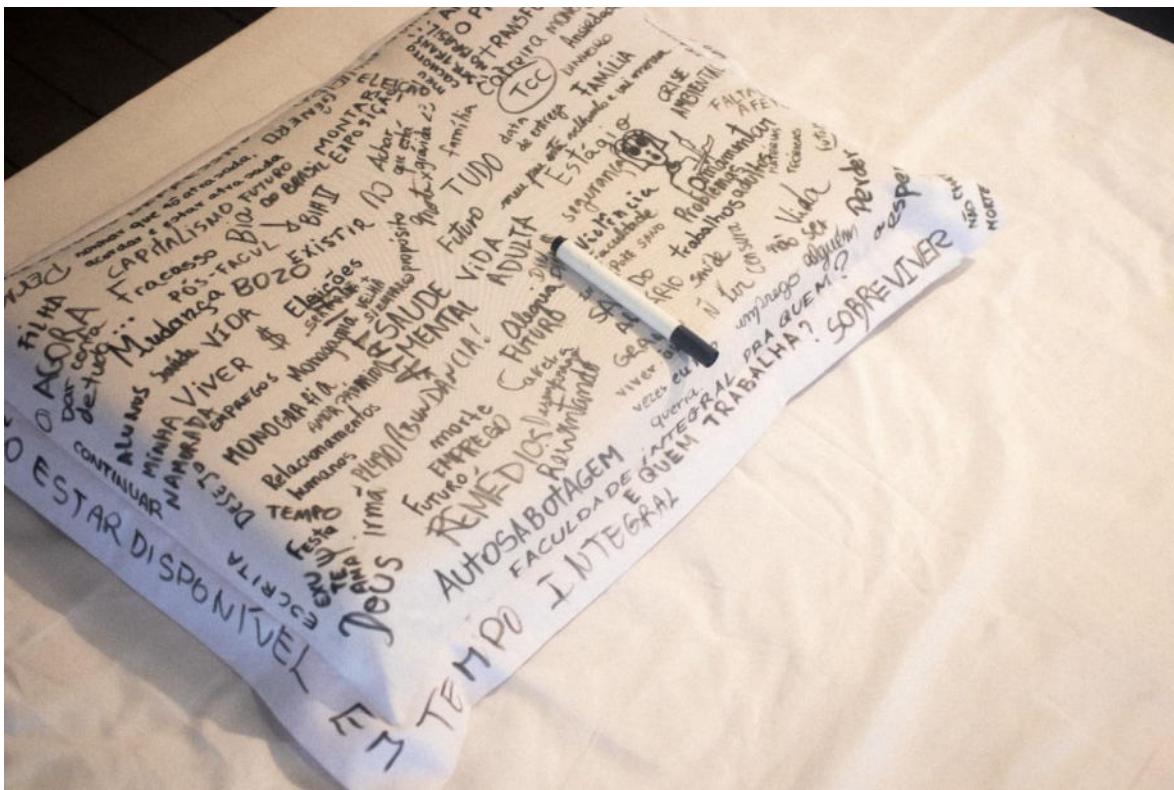
Ao relacionar esta instalação com os argumentos de Jonathan Crary sobre o sono, percebe-se um paralelo interessante. Na sociedade 24/7, o sono se tornou uma

pausa indesejada em uma busca incessante por produtividade e objetividade. Em uma passagem notável ele argumenta que “a insônia corresponde à necessidade de vigilância, à recusa de ignorar o horror e a injustiça que assolam o mundo. É a inquietação do esforço de evitar ignorar o sofrimento alheio.” (Crary, 2011, p. 19). Aqui a insônia não é apenas uma perturbação do sono, mas um fenômeno psicológico e existencial mais profundo, um estado constante de alerta e vigília, que pode deixar o indivíduo incapaz de desligar sua mente e seu corpo.



**Figura 20:** NOLYQ, Alícia. “Escreva Aqui suas Preocupações”, travesseiro, fronha, colchão, caneta, lençol, 1,88 x 1,38 m. Exposição “Sobrevida”, Galeria Mezanino - UFRJ, 2022.

Neste contexto, questiona-se se o sono deixou de ser um momento de repouso e desligamento, e, portanto, descanso, para se tornar um tempo permeado por preocupações e inquietações. A proposição artística em escrever essas preocupações em um travesseiro, geralmente associado ao conforto e ao sono tranquilo, revela uma tensão entre o desejo do fruidor em relaxar e a persistência das preocupações que permeiam sua mente.



**Figura 21:** NOLYQ, Alícia. "Escreva Aqui suas Preocupações", Detalhe- travesseiro, fronha, colchão, caneta, lençol, 1,88 x 1,38 m. Exposição "Sobrevida", Galeria Mezanino - UFRJ, 2022.

A insônia aqui apresentada também pode estar relacionada com uma consciência aguda das questões problemáticas que assolam o mundo. A insônia não é apenas causada por inquietações pessoais, mas também pela empatia em relação ao sofrimento dos outros, ao sentir uma responsabilidade moral ou emocional por outras pessoas, ou também a preocupações sobre problemas sociais e políticos que assolam a sociedade.

Aqui, “Escreva Aqui Suas Preocupações” cria afectos, provoca sensações no público, e gera reflexões sobre suas próprias angústias. Nesta instalação, a percepção do afecto se dá quando a mente do fruidor mergulha em seu íntimo e éposta frente a frente com suas inquietações; o percepto não está no objeto em si, mas na angústia exposta no travesseiro; não está diretamente no travesseiro, mas está na ação, no afecto e percepto da pessoa que escreveu.

### **3.6 Produtividade**

O sentimento de sobrecarga e sufocamento mediante as preocupações da vida, demandas, prazos, compromissos e metas a serem cumpridas se materializam em

"Produtividade", uma vídeo-instalação que explora as consequências emocionais de uma vida pautada na busca intensa por eficiência cultuada pela sociedade produtivista contemporânea. No vídeo, permaneço em frente a uma parede branca com alguns *post-it's* coloridos (notas adesivas, geralmente utilizadas como lembretes de afazeres no dia-a-dia) que, com o decorrer do tempo, aumentam em quantidade e tomam o espaço em branco da parede e, até mesmo, invadem o meu corpo. Na instalação, o vídeo foi exibido por meio de uma projeção que tomava a maior parte da parede principal e central do espaço que, assim como as duas paredes ao lado, estava repleta de *post-it's* coloridos também.



**Figura 22:** NOLYQ, Alícia. "Produtividade", Video-arte– 1:02 min, 2022.<sup>9</sup>

Performo em expressões de angústia, esgotamento, incapacidade e ansiedade. Sentimentos comuns na sociedade que encontra mérito no estilo de vida que se mantém produtivo durante as 24 horas do dia e nos 7 dias da semana, que ignora toda e qualquer fragilidade humana e suprime, até mesmo, o sono. Assim, o trabalho tem diálogo direto com a obra de Jonathan Crary intitulada “24/07 Capitalismo Tardio e os fins do sono” e suas críticas, abordando a problemática da normalização do trabalho sem pausa e ilimitado.

A aceleração da sociedade associada ao circulacionismo, citados por Hito Steyerl, potencializam a sensação de incapacidade do indivíduo contemporâneo fadigado. A fragilidade humana, suprimida, emerge em angústia e fadiga e, então, se depara com um mundo demasiadamente acelerado em razão do advento tecnológico; deste contraste surge a ansiedade frente a sensação de incapacidade em acompanhar o fluxo informacional contemporâneo.

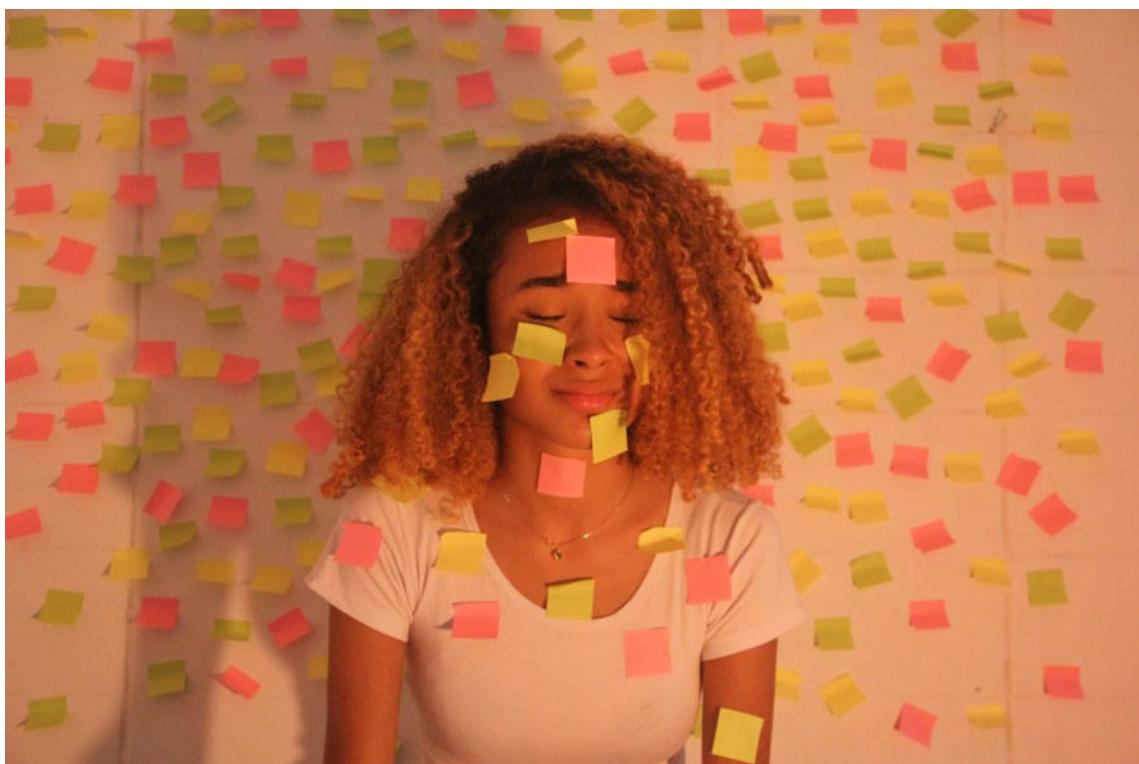
---

<sup>9</sup> Assista o vídeo “Produtividade”, Disponível em: >[https://youtu.be/zh\\_WrIEzVzs](https://youtu.be/zh_WrIEzVzs)< Acesso em 17 de outubro de 2023.



**Figura 23:** NOLYQ, Alícia. "Produtividade", Video-Instalação e post it – 1:02 min em looping, dimensões variáveis. Exposição "Sobrevida", Galeria Mezanino - UFRJ, 2022.

"Produtividade", toca uma problemática comum ao indivíduo contemporâneo e dialoga com ideias coletivas e gerais apesar de se tratar, também, de uma reflexão íntima decorrente de uma vivência pessoal. E, assim, faz juz ao objeto de pesquisa da exposição "Sobrevida", que encontra convergência na sensibilidade e cotidiano da humanidade da era tecnológica.



**Figura 24:** NOLYQ, Alícia. "Produtividade" Frame-, Video-arte– 1:02 min, 2022.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das reflexões e investigações realizadas ao longo dessa pesquisa, a respeito das transformações do cotidiano caracterizadas pelo consumo de arte na era da reproduzibilidade técnica, as inovações tecnológicas, sempre impõem atualizações e tiveram a internet como vetor de transformação, uma vez que o modo de vida em hiperconectividade veio promover um modo de produtividade capitalista, que exige atividade e responsividade para atender ao sistema de eficiência. Em vista dos argumentos apresentados, as consequências desse modo de vida com a presença tecnológica, são dadas pelas transformações na percepção de mundo, as contradições entre o interesse pela tecnologia e as condições problemáticas que nos angustiam, consequentes dessa presença, e se tornaram foco de atenção para a pesquisa e encontraram em outros trabalhos de arte a possibilidade de trazer para a reflexão tais condições. Ao longo dessa pesquisa, a arte não se propõe como alternativa de solução para a problemática, mas como um modo de refletir sobre as questões do afeto e da ansiedade e trazê-los à tona por meios próprios da arte contemporânea, ao passo que se torna um modo para exploração de outras perspectivas que deslocam a percepção aurática para outros campos de ação da arte. Tais campos puderam ser analisados em proposições de artistas de diferentes momentos, mas que trazem a preocupação com os afetos por encontros promovidos pela arte de modo semelhante. É possível argumentar que a prática da arte participativa tem, de certa forma, conduzido uma metodologia com esforços persistentes para envolver os sujeitos através de proposições preocupadas com a subjetividade. Esta abordagem, embora não se revele como uma solução definitiva para a problemática, parece não se esgotar. Os artistas não abandonaram sua determinação em promover a participação, e isso resulta em um legado que perdura como uma das abordagens que ainda produzem sentido, mesmo diante das nuances da era tecnológica que tem afetado os meios de produção, recepção de arte e, consequentemente, sua aura.

As qualidades que vimos nos trabalhos de artistas apresentados e na experiência proporcionada pela atividade artística propositiva dessa pesquisa que também tem um forte viés participativo, como uma metodologia artística que se mantém relevante, se coloca como uma das possibilidades de promover a proximidade com o público. Foi demonstrado nessa pesquisa que a arte

contemporânea pode desempenhar um papel crucial de reflexão ao provocar, perturbar e acolher os sujeitos, desafiando seus perceptos e afetos. Na experiência prática conjuntamente com a reflexão teórica aqui apresentada, a arte se estabelece como um espaço de enfrentamento de risco, um campo de resistência e transformação.

O aspecto prático desta pesquisa contou com a produção dos trabalhos que compõem a exposição "Sobrevida", e esses trabalhos evidenciaram algumas preocupações e questionamentos que dialogam com as teorias com preocupação central de como a tecnologia afeta, gera ou manifesta ansiedade nas pessoas. A exposição "Sobrevida" e outras experiências práticas demonstraram como a arte pode ser um canal de escuta e afetividade em uma época de fragilidades. No entanto, a pesquisa também deixa alguns questionamentos em aberto, sobre as possibilidades reais de transformação das angústias da sociedade contemporânea, mas isso não diminui o potencial da arte contemporânea para continuar proondo, pois oferece um modo específico e essencial de se olhar para os problemas da angústia e dos afetos na atualidade.

Novas questões e desafios surgirão, e é parte da tarefa de artistas-pesquisadores continuarem a buscar modos de questionamento, mobilizados respondendo por meio da arte, aprofundando o entendimento e promovendo reflexões, idagações sobre a sociedade contemporânea e suas complexas relações com a tecnologia e suas atualizações. Portanto, esta pesquisa em arte contemporânea, não deve ser encarada como uma conclusão, mas sim como um ponto de partida para uma contínua exploração e aprofundamento, em diálogo com autores e artistas com aproximação às experiências atuais e as que ainda devem vir, motivadas pela busca de conhecimento através da arte.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. A Obra de Arte na Era da Sua Reprodutibilidade Técnica; organização e apresentação Márcio Seligmann-Silva; tradução Gabriel Valladão Silva. – 1. ed. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2015.

CRARY, Jonathan. 24/07 Capitalismo Tardio e os fins do sono. Tradução: Joaquim Toledo Jr. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. O que é a filosofia?. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

RIVERA, T. C. O Outro e a Violência da Cultura. psicanálise e cultura, São Paulo, 2008.

Disponível em:<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ide/v31n47/v31n47a13.pdf>> Acesso em: 17 de outubro de 2023.

SCOVINO, Felipe. A vontade poética no diálogo com os Bichos: o ponto de chegada de uma arte participativa no Brasil. In: FERREIRA, Glória; VENANCIO FILHO, Paulo. (Org.). Arte & Ensaio, Rio de Janeiro, n. 10, 2003, p. 26-35.

Disponível em:<<https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/51350/27749>> Acesso em: 17 de outubro de 2023.

STEYERL, H. ; PIMENTA VELLOSO, B.; PIETROLUONGO, A.; CAETANO, G. DA F. Um excesso de mundo: a internet está morta?. REVISTA POIÉSIS, v. 23, n. 40, p. 216-229, 1 jul. 2022.

Disponível em:<<https://doi.org/10.22409/poiesis.v23i40.52323>> Acesso em: 17 de outubro de 2023.

WAINER, J. O Paradoxo da Produtividade. In: RUBEN, Guilhermo; WAINER, Jacques; DWYER, Tom. (Organizadores). Informática, Organizações e Sociedade no Brasil. São Paulo: Cortez, 2003.

Disponível em:<<https://www.ic.unicamp.br/~wainer/old/papers/final-paradoxo.pdf>> Acesso em: 17 de outubro de 2023.

## **Referências em meio digitais**

Conheça a história da internet, sua finalidade e qual o cenário atual:

Disponível em:<<https://rockcontent.com/br/blog/historia-da-internet/>> Acesso em: 17 de outubro de 2023.

O Paradoxo da Produtividade:

Disponível em:<<https://www.ic.unicamp.br/~wainer/old/papers/final-paradoxo.pdf>> Acesso em: 17 de outubro de 2023.

1968 - Nós Somos os Propositores:

Disponível em:<<https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/65313/1968-nos-somos-os-propositores>> Acesso em: 17 de outubro de 2023.

32ª Bienal de arte de São Paulo- Hito Steyerl:

Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=IPccNicO1wc>> Acesso em: 17 de outubro de 2023.

Anna Costa e Silva realiza trabalho interativo online:

Disponível em:<<https://www.premiopipa.com/2020/04/anna-costa-e-silva-realiza-trabalho-interativo-online/>> Acesso em: 17 de outubro de 2023.

Art Rio, Cavalo I “Superaquecidas”, de Sofia Caesar:

Disponível em:<<https://www.premiopipa.com/wp-content/uploads/2023/04/ArtRio-Ana-Elisa-Cohen.pdf>> Acesso em: 17 de outubro de 2023.

Como Hito Steyerl usa seu poder em nome da mudança:

Disponível em:<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2017/12/como-hito-steyerl-usa-seu-poder-em-nome-da-mudanca-cjbnvft36035h01p9imlycu5u.html>> Acesso em: 17 de outubro de 2023.

Assista o vídeo “Produtividade”:

Disponível em: >[https://youtu.be/zh\\_WrlEzVzs](https://youtu.be/zh_WrlEzVzs)< Acesso em 17 de outubro de 2023.